LIBRARY OF CONGRESS.

[SMITHSONIAN DEPOSIT.]

Chap. DP557

Shelf .G7P7

UNITED STATES OF AMERICA.

PROFECIA

POLITICA,

Verificada no que está succedendo aos Portuguezes pela sua cega affeiçaõ aos Inglezes:

Escrita depois do Terremoto do anno de 1755, e publicada por ordem superior no anno de 1762, em Madrid.

TRADUZIDA DO HESPANHOL.

Augurium ratio est & conjectura futuri.
Ovid. Trist. L. 1. Eleg. 8.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1808.

DP557
.G7P7

ADVERTENCIA

DO

EDITOR HESPANHOL.

Tendo chegado ás minhas maõs este escrito por huma rara casualidade, o principiei a lêr sem mais objecto que o da minha propria instrucçaõ, crendo naõ achar nelle senaõ huma relaçaõ simples, e núa dos damnos que causou o terremoto de 1755 em Portugal, e algumas reflexões vagas sobre o seu governo. Fiquei porém admiredo de vêr, contra o que esperava, quaõ bem discorre seu author sobre o systêma politico daquelle reino; descobrindo a raiz, e causa de todas as suas miserias, e demonstrando naõ terem estas a sua origem no physico dos seus contratempos, mas sim no damno

moral da sua constituiçaõ, que naõ he outra, senaõ a de deixar-se cégamente governar pelos Inglezes; sem reparar que estes lhe vendem a sua protecçaõ a preço d'huma escravidaõ, como o temos visto bem comprovado no manifesto que ultimamente se dêo á luz por ordem da nossa Corte.

Deste principio inferio o author, ha seis annos, todos os damnos, e calamidades que necessariamente deviaõ resultar a Portugal; e que por desgraça desta monarquia se vaõ já verificando. O que me moveo a publicar este escrito, com o titulo de *Profecia Politica, verificada no que está succedendo aos Portuguezes pela sua céga affeiçaõ aos Inglezes, &c.*

PREFACIO.

A pezar de ter o reino de Portugal feito hum grande papel na Europa desde o fim do reinado de D. Pedro II., sem embargo naõ se conhecêraõ com individuaçaõ os negocios desta monarquia. A Providencia me conduzio a este reino no anno de 1752, e desde logo crí achar-me no centro da desordem politica da Europa. Vi huma monarquia anniquilada por huma serie contínua de revoluções, perturbada com occultas seitas, e empobrecida pelas suas propriás riquezas.

Hum povo privado da devida instrucçaõ: huma naçaõ cujos costumes a faziaõ pouco civilisada: hum estado governado por usos asiaticos, naõ tendo de Europeo senaõ o nome, de monarquia se-

naõ a fórma, e de potencia senaõ a sombra.

O que porém tinha mais destruido este estado no nosso seculo, era a cega confiança que tinha n'huma naçaõ ambiciosa, cobiçosa da grandeza, e do poder, que offerece ao principio huma maõ para soccorrer, e que opprime depois com huma infinidade de braços.

A Inglaterra desfrutava por inteiro as minas de ouro do Brasil; e Portugal naõ era mais que o ecónomo das suas proprias riquezas. Este estado se via cheio de Inglezes opulentos, que possuiaõ todas as riquezas do Reino, e nada ficava aos Portuguezes de propriedade, &c.

Finalmente as causas physicas concorrêraõ com as moraes: os elementos supprîraõ ao que naõ alcançou a politica, abrio-se a terra, e destruio os que a destruiaõ.

Isto supposto, digo, que o Reino de Portugal póde tirar huma grande vantagem das suas desgraças; e sómente para provallo, se compôz este discurso.

Acaso haverá quem julgue que he mui succinta a relaçaõ do terremoto, que serve de appendice; mas persuado-me, que para satisfazer a ansia que tem a Europa de huma noticia individual deste successo, basta pôr-lhe á vista os factos, tendo podido fazer alguns volumes, do que reduzo a poucas folhas.

Que espectáculo da vicissitude das cousas humanas naõ offerece á vista hum Reino inteiramente trastornado, huma capital sepultada nas suas proprias ruinas, milhares de casas abrazadas, hum povo inteiro entregue ás chamas, quarenta e cinco mil pessoas mortas repentinamente, destruida a fortuna de duzentos mil vassallos, e por fim huma perda immensa, e quasi incomprehensivel!

A imaginaçaõ naõ tem de trabalhar, porque todo o trabalho he da penna; o mal está, em que nesta especie de relações, que parecem exageradas, costuma-se sacrificar o principal ao accessorio; eu porém reduzi este successo ao successo mesmo.

DISCURSO POLITICO.

Das utilidades que Portugal poderia tirar das suas desgraças

Nem sempre he a politica a causa unica das revoluções dos estados. Terriveis fenómenos mudaõ ás vezes a face dos imperios. Póde-se dizer, que ás vezes estas irregularidades da natureza saõ precisas, porque pódem contribuir mais que qualquer outra cousa á destruiçaõ de certos systemas, que se dirigiaõ a invadir o universo.

Se os governos ambiciosos (fallo dos que tudo referem a si proprios, que vendo-se sós no mundo, naõ tem outro objecto, senaõ empobrecer a todos universalmente, nem outro principio, senaõ a dominaçaõ geral) naõ

fossem commummente impedidos por causas physicas, converter-se-hia a terra n'huma mansaõ perigosa. Entaõ poderia a politica fazer-se senhora absoluta do mundo: os estados fracos ficariaõ sem recurso algum; o povo que chegasse a ser superior a outro, conservaria sempre a superioridade: entre este estado, e o da monarquia universal, naõ mediaria intervallo algum: creio que em certo periodo de tempo seria escravo o globo da terra: tudo se perderia entaõ, e todos os governos seriaõ anarquicos.

Fallando sómente dos meios politicos, com independencia das causas extraordinarias, he em certo modo evidente, que hum estado, ao qual outro chegou a ser superior, naõ torna a si quasi nunca. Procede isto de que o systema geral da Europa se funda sempre na vantagem actual; e que o estado que chegou a adquirir

esta vantagem, augmentando assim as suas forças verdadeiras, e relativas, chega a vêr-se em circunstancias de naõ perdella nunca.

Parece que na politica sémente existe no nome a moderaçaõ. Os soberanos costumaõ querer ser sempre tudo o que pódem; e poucos exemplos ha de que podendo hum estado ser superior a outro, o naõ tenha feito.

Por mais que se estabeleça para todas as nações hum direito de gentes politico, e civil, governará sempre o mundo entre os homens a lei do mais forte; por isto disse hum dos grandes poetas do nosso seculo:

O primeiro Rei do mundo foi hum Soldado, nas suas emprezas sempre afortunado.

Mas a isto diráõ: O que! he preciso que se abra a terra, que trastorne provincias, que sepulte cidades inteiras, para dissipar a

cegueira de algumas nações, e dar-lhes a conhecer os seus verdadeiros interesses? Sim, sem temor o digo, he necessario por algum modo. Parece que ainda nos elementos ha huma especie de instincto, para impedir que certos povos ambiciosos se apoderem da terra. Veja-se como a physica torna a estabelecer ás vezes certo nivel nos negocios politicos.

Com anticipaçaõ de muito tempo minava secretamente huma naçaõ ambiciosa o poder de seus visinhos; a sua industria, e o seu commercio lhe tinhaõ adquirido a superioridade sobre muitos estados. Huma maravilhosa, e bem combinada politica, que guiava todos os seus designios, a tinha insensivelmente elevado ao poder supremo por veredas extraviadas; preoccupações de moderaçaõ que tinha sabido estabelecer; hum systema de pacificaçaõ com que tinha deslumbrado os olhos; as immen-

sas riquezas do Brasil que possuia inteiramente ; huma forte marinha ; o adiantamento das artes; o estado florecente das manufacturas : estes saõ os instrumentos de que se servio para dominar varios povos.

Já tinha tudo disposto para cativar parte da Europa , quando o fenómeno acontecido em Portugal frustrou todos os seus projectos.

Mas huma perda de mais de sessenta milhões de cruzados , a suspensaõ das artes , e das fábricas , como tambem a interrupçaõ das riquezas do Brasil , acabaõ de atrazar pelo menos hum século a dominaçaõ, a que se vê que aspira a Inglaterra.

Poderia pois a politica só ter diminuido até este ponto as forças deste reino , e ver-se-hia restabelecido sem este fenómeno o equilibrio da Europa? Na verdade era quasi indispensavel hum acontecimento extraordinario.

Deve suppôr-se como regra geral, que os abusos introduzidos n'hum governo desordenado por espaço de muitos annos, destroem insensivelmente a sua constituiçaõ, e regularmente corrompem todos os seus principios: o caracter da naçaõ, que segue sempre o systema geral, se une com os seus vicios politicos: os estados estrangeiros, que occasionaõ esta desordem, querem aproveitar-se della, augmentando-a continuamente, e o mal chega a naõ ter remedio.

Quando os principios d'hum estado chegáraõ a corromper-se, saõ quasi inuteis as novas leis; porque a reforma do primeiro abuso he sempre a origem d'outro abuso; e por mais que se faça, só se consegue trocar hum mal por outro mal, e subsiste sempre a causa da desordem do estado. Como este governo se acha n'huma situaçaõ precaria, quantos tratados,

e quantas negociações fazem com elle os outros estados, se convertem sempre em seu prejuizo, cada qual se aproveita da sua fraqueza, e he o alvo a que atiraõ todos os estados da Europa. Hum governo pois que se acha nesta situaçaõ, e que ameaça ruina por todas as partes, naõ póde deixar de tirar muita vantagem d'hum trastorno, ou d'huma revoluçaõ, e quiçá he o unico remedio que lhe fica para renascer das suas proprias cinzas: assim como as enchentes dos rios que trasbordaõ, saõ algumas vezes necessarias para fazellos tornar a entrar no seu leito natural, donde tinhaõ sahido, assim tambem ha casos em que para restabelecer-se hum estado, he preciso que em parte se anniquile, e que isto seja por meio de algum acontecimento extraordinario.

Succedido o fenómeno, derrama-se huma nova luz nos entendimentos, e destruidas as preoccu-

pações por meio do golpe funesto experimentado no governo politico, e civil, descobrem-se as desordens, que o costume, e a serie de huma infinidade de causas estranhas com que estavaõ unidas, naõ deixavaõ vêr.

Naõ estamos já naquelles séculos, em que os legisladores mudavaõ a constituiçaõ dos estados corruptos com a força só do seu entendimento.

Como cada naçaõ formasse entaõ hum mundo á parte, ou por melhor dizer, como cada estado se considerasse a si mesmo só no universo, e que o systema d'huma naçaõ fosse unicamente relativo a ella mesma, achava o legislador grande facilidade para a reforma. Mas depois que se unio comsigo mesmo a Europa; isto he, depois que os interesses politicos d'hum estado viéraõ a ser os interesses politicos d'outro estado, abríraõ os olhos todos os governos sobre

a menor mudança que medite fazer qualquer dos seus visinhos; e como os vicios, e defeitos dos mais fracos, entraõ na composiçaõ daquellas cousas que contribuem a formar os mais fortes, resulta que naõ se permitte aos estados, e governos fracos sahir de sua fraqueza, e debilidade, porque da sua mediania, ou pequeno poder depende a grandeza das mais principaes, e poderosas monarquias. Por isto hum governo corrupto está necessitado a naõ sahir dos limites que lhe signala a sua propria desordem; naõ servem para sahir della os meios de que poderiaõ valer-se os grandes ministros: porque o mais que pódem fazer hoje em dia, naõ he anniquilar os vicios do systema actual, mas sim usar de remedios palliativos para conter a desordem, e arrimar hum espeque á maquina, (permitta-se-me esta expressaõ familiar) para que naõ se desfaça totalmente, e

cáia por terra; e isto succede porque huma multidaõ de causas complicadas, e accidentaes, que nem saõ da sua inspecçaõ, nem está em sua maõ desviallas, os fazem parar, e lhes tiraõ a liberdade de obrar de mil maneiras.

Hoje em dia tudo he combinações na politica, e o que n'outro tempo se chamava grandes rasgos de estado, ou de politica, naõ he a proposito, nem serve de cousa alguma; e naõ occorrendo algum acontecimento extraordinario, huma monarquia que se vio huma vez abatida, permanece abatida para sempre.

Cromwel, e Richelieu se veriaõ hoje em dia precisados a parar nos primeiros passos, naõ obstante o seu grande talento, e capacidade; e por mais que meditassem com madureza os seus projectos, e preparassem as suas máquinas, logo se descobririaõ os seus designios, e a sua politica; e

ás suas primeiras tentativas tudo se levantaria contra elles para fazellas inuteis, e aquelles dous sublimes entendimentos seriaõ mui pouco a propósito hoje em dia para os gabinetes dos principes. Já naõ assassina a politica, mas mata lentamente: hoje todo governo mina, ou he minado; e geralmente fallando, o mal vem sempre de longe: do mesmo modo como succede com aquellas enfermidades inveteradas, que quando se querem remediar, já naõ he tempo.

Hoje em dia se prepara a ruina de qualquer estado, e gradualmente o levaõ a ella, subministrando-lhe insensivelmente os meios de destruir-se, de maneira que chega a arruinar-se com arte. Só a politica dos antigos Romanos opprimia as nações, fazendo-as mostrar-se no mundo em todo o seu esplendor, de maneira que naõ conheciaõ a sua propria ruina senaõ

quando já naõ tinhaõ remedio para evitalla ; eis-ahi em duas palavras qual era a situaçaõ de Portugal antes das suas ultimas desgraças, principiando pela do horrivel fenómeno, que foi o espanto, e a admiraçaõ da Europa. Antes destas desgraças estava já a monarquia Portugueza nos ultimos extremos : tinhaõ-a os Inglezes debaixo da sua dependencia, e insensivelmente a tinhaõ conquistado, sem se exporem aos riscos das conquistas : estavaõ os Portuguezes atados ao carro da politica Ingleza : naõ lhes ficava meio, nem recurso algum para romper as suas cadeias, e em vez de poder rompellas, fortalecia Portugal mais e mais cada dia as que o sujeitavaõ ao systema da Grã-Bretanha.

Jámais puzéraõ melhor os Inglezes por obra a maxima que os inclina a destruir, ou ao menos a debilitar todos os demais systemas,

para dar forças ao seu. Naõ tinha alma, digamo-lo assim, o governo Portuguez : estavaõ os seus membros todos sem vigor : cada parte esperava para mover-se que lhe viesse o movimento da Inglaterra ; e n'huma palavra, estava tudo sem esperança, nem remedio.

§. I.

As cousas physicamente necessarias faltavaõ a Portugal.

De sessenta annos a esta parte foi o grande systema dos Inglezes, para sujeitar as nações que devem contribuir ao seu engrandecimento, têllas na dependencia das cousas physicas necessarias, destruindo a sua agricultura.

O methodo de que se servio o governo Inglez para este fim, por singelo que seja, naõ deixa de encerrar em si hum systema completo de tyrannia, pois indirectamen-

te se dirige á monarquia universal. Este methodo pois foi o de offerecer, e fornecer aquellas cousas em que consiste a primeira subsistencia dos povos, os quaes intenta pôr debaixo da dependencia, por muito menor preço do que poderiaõ elles mesmos têllas no seu continente. Foi Portugal o que primeiro cahio no laço, deixando-se prover das cousas mais necessarias, e desde aquelle ponto perdeo-se o seu estado civil, e politico, e sahíraõ as suas riquezas do seu dominio. Resultou disto, que dependendo esta monarquia da de Inglaterra para as cousas physicamente necessarias, se fez sua escrava natural; e resultou tambem, como consequencia necessaria da escravidaõ, reduzirem-se a nenhum valor as terras de Portugal, e achar-se sem producções o continente, no que, como se deixa vêr, perdeo o estado muitos milhões na cultura das

terras: deixou-se de semear: diminuio-se o numero de lavradores, e minora cada dia esta classe de gente, que deve reputar-se como a base do governo politico, e civil; de maneira, que as colheitas tem sido escassissimas no reino, e abundantissimas em Inglaterra, aonde os Portuguezes levaõ o seu dinheiro. De tudo isto nasceo, que se perdeo a harmonia nas ordens do estado, o equilibrio nas classes, e por consequencia naõ pôde sostер-se, faltando o apoio principal, e o estado recebeo a ferida na raiz a mais essencial.

Varias vezes ouvi perguntar, porque tendo Portugal tantos meios de ser poderoso, era o Reino mais fraco da Europa? Naõ viaõ os que faziaõ semelhante pergunta, que esta monarquia estava entregue a hum povo que a devorava, a hum povo que naõ lhe deixava cultivar as suas riquezas nacionaes, e que a obrigava a cor-

rer após huma riqueza fingida, da qual tirava toda a utilidade a Inglaterra.

Naõ tinha Portugal no anno de 1754 mercadorias de sua colheita: naõ produzia o seu terreno senaõ alguns fructos: os dous terços das cousas physicamente necessarias lhos subministravaõ os Inglezes; e a tal estado tinhaõ estes reduzido Portugal, que quasi o tinhaõ conquistado, sem manifestallo; de maneira, que naõ lhes faltava senaõ tomar posse, cousa que teriaõ executado facilmente, se elles naõ tivessem opposto a si mesmos varias considerações particulares, tiradas do systema geral da Europa.

§ II.

O commercio aniquilado em Portugal.

Senhora a Inglaterra do commercio dos Portuguezes, passava tudo pelas suas maõs: eraõ os Inglezes feitores, e abastecedores de Portugal, e tendo-se apoderado de tudo, naõ havia negocio algum que naõ se fizesse pelo seu canal. Desde que a corte de Londres tomou taõ grande ascendente sobre a de Lisboa, e desde que a Inglaterra se derramou (digamo-lo assim) em Portugal, naõ foraõ outra cousa os habitantes deste reino, senaõ huns testemunhas ociosos do grande commercio, que se fazia em sua propria casa, e huns tranquillos espectadores, que naõ fizeraõ papel algum no seu proprio theatro, contentando-se com olhar da platêa

para a trágica scena da sua propria destruiçaõ.

Os Inglezes iaõ até Lisboa para tirar-lhes o commercio do Brasil. A carga, e o sortimento das suas frotas, eraõ dos Inglezes, as riquezas que traziaõ á Europa, o eraõ igualmente, naõ tendo de Portuguez este commercio senaõ o nome; e entre tanto, naõ obstante o immenso commercio que se fazia em Portugal, se debilitava miseravelmente este estado, porque todo o proveito o levava a Inglaterra. Desappareciaõ os Inglezes depois de terem feito a sua fortuna, levando huma grande parte das riquezas do reino, o que o empobrecia continuamente, pelo que teria sido melhor que naõ se fizesse commercio algum, do que deixar a sua utilidade a huma naçaõ estranha. Hoje em dia he o commercio que impõe leis á politica, dimanando delle o poder de hum

estado; e quantas vantagens chega a lograr huma naçaõ sobre outra nesta parte, se dirigem á ruina da que as concede, de maneira, que naõ ha meio, nem moderaçaõ; ou destroe, ou he destruido aquelle povo, que faz o commercio com huma naçaõ sómente.

§. III.

Da nenhuma industria de Portugal.

Poder-se-hia dizer dos Portuguezes, o que dizem varios authores de certos povos da Africa; isto he, que naõ tem artes: que tem em abundancia metaes preciosos, que recebem immediatamente das maõs da natureza: que todas as naçoes cultas se achaõ em estado de negociar vantajosamente com elles: que lhes pódem fazer estimar muito cousas de ne-

nhum valor, e receber delles outras de excessivo preço.

Vem de muito longe esta inacçaõ de Portugal; mas sempre a originou a Grã-Bretanha. Cromwel, por meio de hum tratado vantajosissimo á sua naçaõ, anniquilou em certo modo a monarquia Portugueza, antes que existisse; fez-se este tratado entre as duas naçoẽs, quarenta annos antes do descobrimento das minas; isto he, antes que Portugal fizesse papel na Europa, e nelle se estipulou, que a Inglaterra havia de subministrar os generos para se vestirem os Portuguezes: desta maneira cortou Cromwel o nervo do systema politico desta naçaõ, e com hum só golpe arruinou o seu governo. Desde entaõ ficaraõ desterradas as artes do reino, destruiraõ-se insensivelmente as manufacturas, entorpeceo-se a industria, que a final chegou a ser nenhuma: o alento

que se dava aos Inglezes, recebendo os seus tecidos, abateo a actividade natural dos Portuguezes: cahio a naçaõ n'huma especie de lethargo: a ociosidade, e a preguiça se foraõ apoderando dos corações, naõ deixando nelles asilo ás demais paixões, e augmentou-se a indolencia dos Portuguezes á proporçaõ do augmento que recebia a avareza dos Inglezes. Os panos, e lençarias que a Grã-Bretanha subministra annualmente aos Portuguezes, devem avaliar-se em vinte milhões de cruzados por anno; naõ ignorando ninguem, que a França naõ vende annualmente em Portugal cincoenta peças de pano.

Sendo o vestido, e o alimento duas cousas igualmente necessarias em qualquer naçaõ, segue-se forçosamente, que subministrando-as aos Portuguezes, conseguio a Inglaterra tellos na maior dependencia, e sujeiçaõ.

§ IV.

Máo systema de politica em Portugal.

Tendo-se subtrahido este reino da dominaçaõ de Espanha, se lançou nos braços dos Inglezes, crendo que necessitava no mundo de hum alliado de reputaçaõ, cujas forças maritimas pudessem deslumbrar a mesma potencia, cuja dominaçaõ acabavaõ de sacudir; mas he de admirar, que huma só reflexaõ, que devia offerecer-se desde logo aos Portuguezes, naõ os conduzisse a finalizar a obra, para o que naõ tinhaõ outra cousa que fazer, senaõ dar hum passo para traz, e examinar as causas daquelle mesmo successo.

Toda a Europa sabe que o projecto, a execuçaõ, e o bom exito da revoluçaõ de Portugal,

foi obra dos Portuguezes sós, sem soccorro algum estranho. Sabe-se igualmente, que naõ servíraõ, nem tiveraõ effeito quantos meios lhes tinha subministrado a Inglaterra. Sendo isto assim, como podiaõ suppôr os Portuguezes que a Grã-Bretanha havia de ter bastantes forças para impedir que tornassem a entrar na dominaçaõ de Espanha, naõ tendo podido tirallos della a mesma Inglaterra? Por ventura, he mais facil fazer que huma naçaõ se liberte da dominaçaõ de outra, do que estorvar que torne ao poder da mesma? Sem embargo, aproveitando-se a Inglaterra daquella especie de embriaguez, tudo prometteo, para tudo conseguir. Saõ infinitas as reflexões que se me apresentaõ agora por todas as partes: quando huma naçaõ recobra a sua liberdade politica, he huma prova certa de ter-se corrompido o governo, que a tinha em escravi-

daõ; e por conseguinte, que naõ se acha já no seu primeiro estado de vigor; neste caso, a naçaõ, que alcançou por si mesma a liberdade, he bastante forte para conservalla, e de nada lhe servirá o seu primeiro esforço, se naõ se lhe segue outro para conservar-se livre sem soccorro de hum alliado poderoso: d'outra sorte torna a cahir por outro lado na mesma escravidaõ de que sahio.

As allianças naõ saõ outra cousa senaõ commercios politicos; e o alliado que entra com mais poder he o que saca dellas mais proveito. Depois da revoluçaõ de Portugal, tem sido este reino mais escravo da Inglaterra do que nunca o foi da Hespanha: parece que os Inglezes naõ offerecêraõ a Portugal, na sua revoluçaõ, huma maõ amiga, e liberal, senaõ para opprimillo depois com huma infinidade de braços:

o que se vio logo, pois a final os destruíraõ com o peso do seu systema economico.

Antes do acontecimento, que arruinou ultimamente Lisboa, naõ tinha Portugal voz deliberativa por si mesmo: todas as suas resoluções as dictava o gabinete de Londres, e tambem os passos que haviaõ de dar nas cortes estrangeiras os Ministros Portuguezes, os prescrevia a Inglaterra. Naõ tinha Portugal tropas de terra, nem de mar: tinha perdido aquelle movimento de sã politica, sem o qual cahe qualquer governo na ultima debilidade. Que systema taõ infeliz! Descançai em mim, dizia aos Portuguezes a Grã-Bretanha; fiai-vos nas minhas armadas navaes, e naõ façais a ninguem a guerra, que eu a farei por vós. Naõ ha politica mais errada que a de manter-se constantemente em paz, quando todas as potencias da Europa estaõ em guerra;

e assim, ainda que as perturbações que sobrevem nas demais nações, naõ interessem pessoalmente, he preciso tomar alguma parte, a naõ ser que os inconvenientes da guerra sejaõ de mais peso que os da paz. Engana-se muito hum estado quando crê que as victorias que se conseguem a 200 leguas do seu continente, naõ o interessaõ em nada, pois no mundo politico succede o mesmo que no physico, em que o primeiro movel dá hum movimento geral.

Ha na politica huma força motriz geral, que se derrama, e estende por todas as partes: esta força, ou he directa, ou indirecta, e por reflexaõ, e em qualquer parte da Europa que augmente o seu poder hum estado, diminue necessariamente o de algum outro. Por esta razaõ, he do interesse de todos os estados manter o equilibrio, porque delle depende a sua segurança, e a dis-

tribuiçaõ geral do poder politico, interessa a todos os reinos, e republicas da Europa.

Nas guerras geraes convem mais aos estados pequenos do que aos grandes, tomar parte nellas, ainda que seja sómente para pôrse da dos mais fracos contra os mais poderosos; e sem esta politica adquirem estes cada dia mais, e mais forças, e absorvem finalmente aquelles; porque jámais falta ás grandes monarquias hum, ou outro pretexto para declarar a guerra aos estados, com quem até entaõ naõ tiveraõ desavença alguma. Os estados poderosos naõ atacaõ os que saõ menos poderosos, senaõ porque estes naõ estaõ em estado de defender-se. Era pois máo o systema politico de Portugal, porque tinha interesse a Inglaterra em que naõ fosse bom.

§ V.

Que a origem das riquezas de Portugal era má, e viciada.

De sessenta annos a esta parte saõ as minas de ouro o manancial das riquezas de Portugal. Sendo isto certo, naõ ha necessidade de ser grande politico: bastará saber calcular para fazer patente, que hum estado que fixa toda a sua administraçaõ nas minas, deve perecer indefectivelmente. O ouro, e a prata saõ huma riqueza ficticia, e imaginaria: saõ huma representaçaõ, ou signaes mui duraveis, como convém á sua natureza: quanto mais se multiplicaõ, mais perde do seu valor, porque representaõ menos cousas.

Logo que se conquistáraõ o Perú, e o Mexico, abandonáraõ os Espanhoes as riquezas naturaes pelas de representaçaõ, ou

signal, que por si mesmas se envileciaõ: o ouro, e a prata eraõ até entaõ mui raros na Europa; e senhora a Espanha repentinamente de huma quantidade destes dous metaes, concebeo esperanças que jámais teria tido sem elles; sem embargo de tudo isto, naõ deixou de duplicar-se o dinheiro na Europa, o que se conheceo por ter-se augmentado do dobro o preço de quanto se comprava: em dobrado tempo tornou-se novamente a duplicar o dinheiro, e diminuio tambem o seu valor de metade, o que succedeo desta maneira.

Para tirar o ouro das minas, e para preparallo como convinha, era necessario algum gasto: supponho que este fosse na proporçaõ de hum a 64: assim pois as frotas que traziaõ á Espanha a mesma quantidade de ouro, traziaõ hum genero que na realidade valia a metade menos, e cus-

tava ametade mais; e se se segue a conta de dobro em dobro, achar-se-ha a causa do menor poder que originárao as mesmas riquezas.

Neste razoamento se encontra hum extracto da historia da debilidade de Portugal. Filippe II. (diz hum author politico) fez a famosa quebra que todo o mundo sabe, depois do descobrimento do Mexico. Filippe IV. (diz outro escritor da mesma classe) se vio precisado a fazer moeda de muita liga, para supprir aos empenhos do estado.

Mas ainda que este vicio physico naõ estivesse na natureza das mesmas riquezas; huma só reflexaõ politica bastaria para curar os Soberanos da mania (diganmo-lo assim) de ter estes funestos thesouros. Se os que descobrem abundantes minas de ouro quizessem considerar, e subir até ao principio das cousas, encontrariaõ

palpavelmente a ruina, e anniquilaçaõ do seu poder nas mesmas minas. O ouro he o mesmo poder, porque subministra aos estados os meios de augmentar as suas forças. Se hum Monarca que descobrisse minas abundantes quizesse ajuntar dentro do seu reino todo o ouro que extrahisse dellas, sem dar porçaõ alguma aos demais Soberanos, poderia elle só ter mais dinheiro que todos os demais juntos, e poderiaõ as suas immensas riquezas levallo á monarquia universal; mas, que succederia? Armar-se-hia contra elle toda a Europa para destruillo, antes que elle pudesse destruir os demais; e se para evitar a sua ruina meditada por todos os estados, lhes désse parte do producto das suas minas, cahiria por outra parte no inconveniente que tinha querido evitar; porque fazendo-o passar aos demais governos, augmentando continuamente a massa das

suas riquezas, diminuiria necessariamente o seu proprio poder, e no espaço de hum seculo naõ se acharia em proporçaõ de força relativa com os demais governos da Europa. Se os exemplos fossem capazes de emendar os Soberanos, nenhum haveria que naõ estabelecesse por maxima fundamental o naõ permittir abrir as minas, visto que se póde provar que desde a creaçaõ do mundo, todos os estados que fixáraõ neste ponto a sua administraçaõ, cahíraõ na debilidade, e na impotencia. Póde pois ter-se por maxima certa, que as riquezas das minas devem reputar-se por quimericas para os estados que as possuem, dos quaes póde dizer-se, que propriamente fallando, naõ saõ mais que os ecónomos, ou dispensadores de seus proprios thesouros, pertencendo sómente o terreno, e a substancia aos povos industriosos que as fazem valer.

Tomemos o mesmo Portugal por exemplo: o preto que trabalha nas minas de ouro do Brasil, deve o seu vestido á Inglaterra, que lho subministra: logo estas minas saõ relativas á Inglaterra, até que seja pago o vestido: para trabalhar as minas he necessario hum cabedal para pretos: supponhamos que este cabedal he de vinte milhões de cruzados, o seu juro que he de 320, ou 400 contos de réis, e que deve sahir das minas, diminue por força a somma da sua extracçaõ. Accrescente-se a isto a subsistencia de quasi cem mil pessoas entre pretos, e brancos, que dependem das minas do Brasil; subsistencia que naõ vem do mesmo estado, e que he preciso recebella dos estrangeiros: ajunte-se tambem ao referido o vestuario, e as demais especies relativas ao luxo que subministra a Inglaterra aos habitantes do Brasil: e ac-

crescentem-se por fim as necessidades geraes da naçaõ, que tendo deixado perder as artes desde o descobrimento das minas, se vio obrigada a prover-se das nações estrangeiras; do que tudo se infere, que o ouro que se extrahe das minas he relativo aos demais governos: que riqueza pois póde ser aquella, cuja posse envolve em si a ruina do proprio estado?

§ VI.

Que a fazenda real de Portugal estava inteiramente arruinada.

Acaba-se de vêr que as riquezas de Portugal traziaõ comsigo hum vicio physico, o qual arrastava necessariamente o estado a huma destruiçaõ geral das suas rendas reaes.

Nos annos de 1753, e 1754 se reduziaõ todas as riquezas de Portugal em especie, ou dinhei-

ro physico, a oito milhões de cruzados; e ainda huma grande parte desta somma era de má moeda, cheia de liga, por cujá razaõ naõ queriaõ acceitalla os estrangeiros: circunstancia unica, a que deve atribuir-se o naõ ter ficado aquelle reino sem hum real em especie; o que porém he mais extraordinario, e quasi parece incrivel, he que o Rei de Portugal, possuidor das minas de ouro mais abundantes, Monarca que toda a Europa crê taõ rico, e taõ endinheirado, se visse precisado no fim do anno de 1753 a tomar emprestado de huma irmandade oitocentos mil cruzados para soccorrer as suas necessidades. He tambem certo que nos dez annos anteriores ao de 1754 tinha feito Portugal bancarrota em quasi todas as nações da Europa, e que só á Inglaterra devia vinte milhões de cruzados; de maneira que já naquelle anno tinha chegado

Portugal a estar insolvente. O governo naõ tinha erario, nem havia hum real no thesouro publico: qualquer naçaõ que o tivesse querido atacar, o teria certamente dominado, porque naõ lhe era possivel soportar as despezas da primeira campanha.

He verdade que nada disto deve admirar-nos se subimos ao primeiro principio, pois já vimos que as artes, as manufacturas, e até as cousas da primeira necessidade faltavaõ inteiramente em Portugal. Naõ he possivel que haja hum systema de fazenda real n'hum reino onde a despeza excede á renda: aos estados succede o mesmo que aos particulares, que naõ pódem deixar de arruinar-se quando gastaõ muito mais do que tem, e este era pontualmente o estado de Portugal. Produziaõ as suas minas de ouro 24 milhões cada anno, e recebia de mercadorias estrangeiras 28; do

que resultava que de todo o producto das minas, naõ ficava hum real no reino; e além disto fazia-se Portugal devedor de quatro milhões annualmente: dir-se-ha talvez que esta destruiçaõ, e falta de dinheiro naõ diziaõ respeito ao Soberano, mas sim aos particulares; ao que se responde, que se engana lastimosamente aquelle que pensa, que houve em algum tempo hum Rei rico de hum povo pobre: as rendas reaes naõ tem senaõ dois movimentos, hum que as leva ao Principe, e o outro que as torna a trazer aos vassallos: quando estes se vêm obrigados a prover-se das nações estrangeiras para o seu alimento, e vestuario, esgotaõ continuamente as rendas reaes, e a final vem a succeder que nem os vassallos, nem o estado, nem o Principe tem riquezas.

§ VII.

Reflexões sabre o influxo que tinhaõ as minas de ouro do Brasil no systema geral da Europa.

Sem embargo da grande illustraçaõ do nosso século, e das luzes, e noticias que se adquiriraõ na politica, póde-se dizer que de sessenta annos a esta parte ha como huma especie de encanto em quasi todos os gabinetes da Europa, que naõ deixa conhecer aos soberanos os seus verdadeiros interesses. Falla-se continuamente dos negocios geraes: tem cada naçaõ hum conselho politico: sustenta cada estado poderosos exercitos: declara-se a guerra, faz-se a paz, torna-se a principiar a guerra, e torna-se tambem a fazer a paz: combina-se incessantemente o poder dos estados, calcula-se o seu poder, mede-se, digamo-lo assim, a força

politica de cada governo; e sem embargo de tudo isto, naõ se encontra o ponto fixo do poder geral, e vem a ser, a meu parecer, que naõ se repara que em tanto que as riquezas do Brasil se inclinaõ todas para hum lado, ha de cahir precisamente para este lado só o poder politico da Europa. Os antigos governos tinhaõ mais recursos que os nossos, porque nelles podia muitas vezes a virtude por si só elevar o seu poder até ao mais alto gráo, e hoje em dia se arruinaria necessariamente hum estado que naõ tivesse mais que virtude; deve entender-se, que se falla aqui daquella virtude politica, que formou o caracter das primeiras republicas.

No século em que vivemos mudou inteiramente de semblante a politica: o Reino que he mais rico por si mesmo, chega de necessidade a ser o mais poderoso, e isto he conforme a natureza da

mesma cousa ; e he necessario que seja assim n'hum século em que ha nações inteiras, que se vendem a outras para fazer a guerra, em que para ter grandes amigos, poderosos alliados, habeis generaes, e bons soldados, naõ he preciso senaõ pagallos : n'hum século por fim, em que se vende o valor, e em que tudo he mercadoria, até a mesma honra: o que tudo he preciso que assim succeda, abrindo, como abre, o ouro, quasi todos os gabinetes, desenredando, como desenreda, todas as negociações, e labyrintos politicos, e fazendo, como faz, quasi todos os tratados: n'huma palavra, a força de hum estado depende hoje em dia do cheio, ou do vazio dos seus cofres de dinheiro, e o poder politico mede-se pelo numero dos milhões.

Antes que se descobrissem as minas do Brasil, tinha a Inglaterra feito os maiores esforços, pa-

ra fazer hum dos principaes papeis da Europa; mas como estivessem ainda sepultados na terra os materiaes que haviaõ de servir ao edificio da sua grandeza, tornava a cahir sempre no seu primeiro estado de debilidade: foi pois para a Inglaterra o descobrimento das minas como huma revoluçaõ; e aquella monarquia, que até entaõ tinha caminhado ás apalpadellas, teve logo regras, e principios seguros para o seu poder, e fixou desde aquelle tempo o ponto em que havia de estribar o seu engrandecimento. Estavaõ todos como atónitos, e admirados, ao ver que hum dos reinos mais pequenos da Europa, com hum continente, e huma povoaçaõ inferior á de outros muitos estados, dava a lei aos mais vastos governos; e vem a ser, que naõ se reparava que o mesmo estado tinha adquirido por via da sua industria, a chave do mais rico thesouro do universo,

e que com a inteira posse do ouro do Brasil, fazia inclinar a seu arbitrio a balança nos systemas politicos da Europa: este he o enigma do poder, e grandeza, que até agora nos sorprezou tanto.

Falla-se continuamente da constituiçaõ do governo de Inglaterra, que na verdade deve considerar-se como huma das melhores, principalmente n'hum seculo em que a combinaçaõ do poder politico, e civil dos outros estados he inferior ao seu; mas interiormente, este formoso systema, que tanto se exalta, naõ influe quasi nada na pratica do seu governo, e póde-se dizer, que he a republica ideal de Platão, que nunca existio senaõ no pensamento daquelle filosofo: naõ se póde negar que he o mais bello espectaculo de theorica que ha no universo: mas he lastima que naõ produza nos Inglezes as virtudes proprias de hum cidadaõ, ou que

ao menos naõ lhes tire os vicios que saõ causa de naõ tellas. Querer que tenhaõ sempre os homens a republica na sua imaginaçaõ, e diante de seus olhos, que sacrifiquem continuamente os seus interesses particulares ao bem geral da sociedade, he pedir-lhes cousas impossiveis; e n'huma palavra, he naõ ter conhecimento algum do coraçaõ humano, e ignorar a força, e extensaõ das paixões. Os legisladores que formaõ systemas para os homens, deveriaõ (quanto o permittissem aquelles primeiros principios, que naõ he justo, nem possivel abandonar) accommodar-se á fraqueza humana; e naõ o fazendo assim, enfraquecem, e se inutilisaõ os mesmos systemas.

Bem pódem pois exagerar se os effeitos, que produz a liberdade: por mais que se faça, e se diga, naõ se póde assegurar, que exista no mundo senaõ o seu nome: bem

examinada, naõ he outra cousa senaõ huma sombra sem corpo, e huma formosa quimera, sobre a qual se fabricaõ os mais bellos edificios de raciocinios politicos.

A servidaõ sim que he antiga, e inveterada enfermidade, de que está infecto quasi todo o genero humano, e he como a idolatria pratica da religiaõ civil dos estados: podendo-se dizer que tem cada governo o seu bezerro d'ouro, perante quem dobra o joelho.

Quantas disputas se levantaõ hoje em dia no nosso mundo politico sobre a independencia dos vassallos de hum estado, comparada com a independencia dos de outro, saõ sómente sobre os differentes gráos da que cada hum tem; pois desde que os homens se sujeitáraõ a leis politicas, apenas se póde dizer que deixou de haver escravidaõ, de hum, ou d'outro modo, em parte alguma da

terra, e a que tem os Inglezes he de mui distincta natureza das outras naçõés, porque saõ escravos da sua propria liberdade.

A agricultura da Grã-Bretanha facilitou aos seus habitantes muitas vantagens; mas estas teriaõ sido quimericas sem as minas de ouro do Brasil, sem cujo recurso, por mais que se tivessem esforçado os Inglezes sobre aquelle importante ponto, o mais que teriaõ conseguido, teria sido fazer circular as riquezas da naçaõ, mas naõ augmentallas até taõ alto gráo.

O trigo naõ produz ouro, mas o ouro produz trigo, porque facilitando as commodidades dos lavradores, dá á agricultura hum movimento, que naõ tinha antes da introducçaõ daquelle metal. Estabeleça-se, por exemplo, huma somma de 50 milhões em hum estado que se forme de novo, e introduzir-se-ha sensivel-

mente nelle huma agricultura relativa a esta somma; e se se dobra o capital, augmentar-se-ha á proporçaõ o producto das terras.

Assim como se foi espalhando na Grã-Bretanha o ouro do Brasil, a terra foi produzindo mais, e mais: este augmento fez baixar o preço do juro do dinheiro; e os colonos que tiveraõ mais facilidade de adquirillo, a tiveraõ tambem maior para fazer valer as terras. Accrescentou-se depois huma nova circulaçaõ de riquezas á primeira, e vivificou muitas partes da agricultura que estavaõ paralyticas, e sem movimento. Augmentou-se finalmente o consumo á proporçaõ do dinheiro que havia em especie, e á proporçaõ daquelle augmento fez-se riquissimo o estado.

Esta mesma abundancia subministrou aos Inglezes os meios de fazer da sua agricultura hum objecto de commercio: este commercio

lhes facilitou formar huma poderosa marinha, e sobre esta marinha estabelecêraõ os fundamentos de todo o seu poder.

Obstar-se-ha talvez, que ainda que o Brasil naõ tivesse subministrado as suas riquezas á Inglaterra, lhe téria procurado as mesmas vantagens a sua propria agricultura; mas atrevo-me a dizer, que se engana manifestamente o que assim pensa, e o provarei com a seguinte reflexaõ. Por multiplicados que sejaõ os meios de que se valhaõ os mais habeis governos para se apoderarem das riquezas dos seus visinhos, que naõ tem minas, he indispensavel que estas mesmas riquezas, depois d'hum certo periodo de tempo, tornem ao mesmo paiz donde sahiraõ, sem o que perder-se-hia a Europa em poucos seculos, succedendo muitas vezes que pela debilidade, e pelas crises (digamo-lo assim) que padecem os mesmos estados, tor-

naõ a entrar nas suas riquezas.

Os estados que tem minas saõ os unicos que pódem dar, sem recobrar jámais, porque naõ tem meios para isto. Os progressos das artes em Inglatrrra nascêraõ dos mesmos principios, que os da agricultura, tendo posto em movimento o ouro do Brasil a industria dos Inglezes, que tinha estado entorpecida até que chegou aquelle metal, que servio, como huma chuva de ouro, para regar as manufacturas Inglezas, e que as fez brotar novos ramos com extraordinario vigor.

Desde aquella época fabricou incessantemente a Inglaterra para Portugal, e ajudando-se ao mesmo tempo do seu bem combinado systema de artes, e manufacturas, chegou a ser huma das mais poderosas monarquias; mas com esta differença, que o mais que podia ter conseguido com a sua industria só, teria sido causar al-

gumas mudanças, e prejuizos nos systemas politicos da Europa, depois do que se teria visto precisada a conter-se nos seus antigos limites; mas com o ouro do Brasil, e o consumo de suas manufacturas em Portugal, pôde levar adiante as suas vastas ideas, e ambiçaõ.

Ha cousas taõ extraordinarias na politica, que quasi saõ incomprehensiveis, porque se oppõem ao senso commum, e á razaõ: huma dellas he, porque alguns estados da Europa, que estaõ álerta incessantemente para prevenir o minimo prejuizo que lhes queiraõ occasionar outras potencias, e cuidaõ até dos apices dos seus interesses, movem disputas sobre assumptos de nenhuma entidade, e importancia, ou rompem talvez a guerra por mui leves motivos, por que razaõ estes mesmos estados deixaõ, e deixáraõ gozar pacificamente a Inglaterra de todas as riquezas do Brasil? Quando se descobríraõ es-

tas minas, devêra ter sollicitado a França, que era huma das potencias mais interessadas naquelle descobrimento, obrigar Portugal por todos os meios possiveis a fechallas, ou ao menos a repartir com ella o seu producto. O que sem duvida enganou os Francezes, foi o calculo que fizéraõ dos poucos meios que tinha Portugal para beneficiar as minas, naõ se tendo persuadido que o poderia executar hum estado despovoado, e dos mais pobres da Europa; mas deveriaõ ter considerado ao mesmo tempo, que a Inglaterra havia de subministrar aos Portuguezes quanto necessitassem para beneficallas, com o fim de levar todo o producto. Commettida esta falta, restava ainda aos Francezes o recurso de obrigar Portugal a repartir as suas riquezas novamente descobertas com as outras nações, pois sómente com a repartiçaõ dellas, feita proporcionalmente entre os estados

da Europa, se teria impedido o mal, que depois se vio, de terem vindo parar todas aquellas riquezas n'hum só estado; e o descobrimento das minas teria sido indifferente para a Europa, não tendo resultado outro effeito no systema geral, senaõ o de augmentar as riquezas, com proporçaõ relativa a todos os estados. Desde o descobrimento das minas teráõ sahido do Brasil novecentos e sessenta milhões de cruzados, como póde demonstrar-se pelas listas de cada huma das frotas que viéraõ á Europa, as quaes se achaõ nas mãos de todos em Portugal, e todo este immenso capital passou quasi por inteiro á Inglaterra, e com elle fundáraõ os Inglezes o colosso do seu poder, e grandeza, com que alimentaõ a sua arrogancia, e tem como admirada a Europa.

Perguntar-se-ha talvez: e que se fez de taõ enorme quantia;

pois he certo que naõ existe hoje em dia em Inglaterra? Ao que respondo, que a mesma razaõ de naõ existir na Grã-Bretanha, he a causa do poder, e abundancia deste reino. Se se examinaõ as listas geraes dos gastos da Inglaterra, feitos desde o anno 96 do seculo passado, ver-se-ha que subio a seiscentos e oitenta milhões de cruzados o que consumio no extraordinario de guerras estranhas, subsidios, tenças, exercitos, e armadas. Sem embargo disto, augmentou depois continuamente o capital da naçaõ em dinheiro: o que dimanou do ouro do Brasil, que a tudo supprio.

Os Portuguezes déraõ meios á Inglaterra para conceder avultados subsidios á Saboya, para comprar alliaças em Allemanha, para manter numerosos exercitos, para formar huma formidavel marinha; e n'huma palavra, para obrar, negociar, penetrar, e averiguar os

negocios do mundo politico, e para nelle fazer o principal papel.

As minas do Brasil facilitáraõ aos Inglezes os primeiros elementos do seú commercio, pois como ninguem ignora, o continente de Inglaterra produz mui poucas materias primeiras; e a naõ ter acudido continuamente á Grã-Bretanha o ouro de Portugal, para buscar, e comprar nos paizes estrangeiros o necessario para as manufacturas Inglezas, jámais teriaõ estas chegado ao estado florecente em que hoje as vemos.

Naõ he dizer isto, que antes da dita época naõ tivesse a Inglaterra industria, e commercio proprio; mas esta industria, e este commercio tinhaõ limites, em vez que depois da posse das minas de ouro do Brasil, naõ os conheceo.

He pois evidente que a naõ ter a Grã-Bretanha o recurso do Brasil, teria de sejeitar-se, ou a arruinar-se desde logo, gastando

mais do que as suas rendas lhe permittissem, ou a permanecer nos limites em que a teve sua pobreza por espaço de dez seculos.

Do que deixamos dito naõ deve inferir-se que naõ faça mais que passar pela Inglaterra o ouro do Brasil: sahe huma parte, e fica outra dentro dos dominios da Grã-Bretanha; mas he taõ commum nelles a moeda Portugueza, como a do proprio paiz, e taõ conhecida em Londres a effigie do Rei de Portugal como a do de Inglaterra.

O governo Inglez paga as suas tropas com cruzados, e o serviço da monarquia se faz quasi inteiramente com o ouro do Brasil.

Tem-se usado em varias occasiões de distinctos meios para atalhar o extraordinario poder dos Inglezes; mas nunca se empregou o unico que póde produzir bom effeito; de maneira que parece te-

rem convindo os mesmos inimigos da Inglaterra em subministrar-lhe os meios de adquirir mais forças, a fim de pôla em estado de atacar vantajosamente as outras potencias da Europa.

Nós pasmamos de vêr que resiste, e resistio a Inglaterra a tantos esforços dos seus inimigos; mas naõ reparamos, que nunca se acertou em dar-lhe o golpe onde convinha; e como os estados saõ como os corpos humanos, que tem partes solidas, e mortaes, e partes que naõ o saõ, todas as feridas, que naõ se daõ naquellas, pódem curar-se com o tempo.

Assim pois naõ se deve pensar em abater o formidavel poder da Inglaterra, em quanto naõ se destruirem os principios, por onde se elevou; isto he, em quanto naõ se dividir o producto do Brasil, ou naõ se fechar o manancial das suas riquezas.

O estado lastimoso de Por-

tugal depois do terremoto do anno de 1755, parece que he o mais proporcionado para fazer abrir os olhos aos Portuguezes, como tambem ás outras nações da Europa: ha instantes decisivos, conjuncturas, e acontecimentos imprevistos de tal natureza, que se ha habilidade para servir-se delles, e naõ os deixar perder, pódem converter-se em universal proveito. Saõ muitas as nações que tem interesse em reflectir sobre a situaçaõ de Portugal, menos arruinado com as desgraças que o ceo fez chover sobre elle, do que com o seu máo systema politico, o qual se conviessem em mudallo os Portuguezes, ajudados de algumas potencias amigas, poderia renascer aquelle reino das suas proprias cinzas.

Sendo isto certo, e considerando bem as cousas politicas, póde-se assegurar que nada perdeo Portugal nas suas espantosas des-

graças, causadas pelo terremoto; a destruiçaõ de muitas casas, e edificios, a de huma infinidade de mercadorias pertencentes quasi todas aos estrangeiros, o incendio dos trastes, e a perda de alguns vassallos ociosos, que nem eraõ lavradores, nem artifices, naõ pódem formar hum vasio no systema geral do governo: assim pois, qualquer potencia que faça conhecer aos Portuguezes que quasi tudo o que perdêraõ era fructo de paizes estrangeiros, lhes mostrará que sómente perdêraõ os materiaes da sua propria ruina, e isto mesmo lhes manifestará que tem ainda outra maior calamidade de que libertar-se; mas para poder persuadillos he preciso primeiro que tudo curar aquella naçaõ das suas antigas preoccupações politicas; e se isto naõ se logra, será huma perda sem contrapeso, tanto pelo que respeita a Portugal, como ás outras nações da Eu-

ropa, á excepçaõ dos Inglezes, que saberáõ desforrar-se de tudo com as minas do Brasil.

Deve pois principiar-se a dissipar em Portugal o fantasma politico, que he a base daquelle ministerio, persuadindo-lhe que póde existir o Reino, e ser florecente, e poderoso independente da sua alliança com a Inglaterra; e se esta verdade naõ se lhe persuade, seráõ inuteis quantos passos se dem pelos ministros estrangeiros em Lisboa a favor daquella corte.

Ha certas cousas na politica que se tem sempre por seguras, só porque huma vez se crêraõ: quando Portugal se eximio do dominio da Hespanha, podiaõ parecer verosimeis as razões de buscar a protecçaõ da Inglaterra; mas estas razões naõ subsistem já, nem se quer na apparencia, porque o mundo politico mudou inteiramente de face; mas á Ingla-

terra importa-lhe manter a illusaõ, e como sabe aproveitar-se de tudo, até da obrigaçaõ forçada em que está de apoiar com forças certos estados, cuja ruina causaria tambem a sua, soube persuadir a Portugal, que se este lhe mantem as vantagens do commercio, que lhe tem concedido sobre as outras nações, ella o protegerá pela sua parte todas as vezes que alguma potencia pensar em invadillo, ou molestallo; mas he mister ser mui pouco versado nos negocios para cahir neste laço, e para naõ conhecer, que só o interesse da Grã-Bretanha, e naõ o de Portugal he o que dicta aquellas reflexões, o que faz, e fará proteger aos Portuguezes, e comprar a sua alliança a qualquer preço, e naõ hum principio de desinteresse, de generosidade, ou de conveniencia reciproca.

Procurou tambem a Inglaterra com extraordinario cuidado pôr

diante dos olhos do governo Portuguez hum fantasma politico, para tello sempre da sua parte, e apartallo da uniaõ com Hespanha; porém até o mais apaixonado pôde conhecer depois da grande desgraça de Portugal no anno de 1755, que os designios que a Inglaterra attribuia, e tinha attribuido á Hespanha pelo espaço de tantos annos no gabinete de Lisboa, naõ tinhaõ o minimo fundamento: basta representar-se (para ficar inteiramente convencido disso) a desolaçaõ em que ficou Lisbôa com hum Rei errante, que por aquelle momento naõ tinha authoridade, nem poder, em que estava a monarquia sem conselho, sem dinheiro, sem mantimentos, sem exercito: em que hum terror panico se tinha apoderado de todos, e em que ninguem pensava nos negocios geraes, senaõ nos pessoaes: naquella situaçaõ, que teria custado á Espanha o con-

quistar Portugal, se tivesse sido essa a sua antiga maxima de politica, como suppõe a Inglaterra? Com dois mil homens só que tivesse feito entrar no reino, se teria apoderado delle; mas portou-se a corte de Madrid de mui distincta maneira: tomou parte na desgraça dos Portuguezes: dêo ordens para soccorrellos, para enviar-lhes viveres, dinheiro, &c.; época mui notavel na Europa, e que deve destruir para sempre a preoccupaçaõ geral de que anhela, e anhelou a Espanha a occasiaõ favoravel de apossar-se daquelle antigo pedaço separado da sua monarquia.

Naõ he de admirar que huma naçaõ, que se exime da obediencia do seu Soberano, tome todas as precauções necessarias para naõ tornar ao estado de que sahio; mas quando, e onde se terá visto, que por evitar hum perigo duvidoso, ou imaginario,

se recorra a huma ruina certa, e real? Póde-se assegurar, que Portugal, por evitar a sua perda, se perdeo miseravelmente, pois os Inglezes, com pretexto de proteger aquelle reino, o priváraõ, e privaõ do seu commercio, e da sua industria, tiráraõ-lhe, e tiraõ as suas riquezas, destruíraõ lhe, e destroem lhe os seus exercitos, e anniquiláraõ-lhe, e anniquilaõ a sua marinha. Que maiores males lhes poderia fazer o inimigo? Ainda que Portugal tivesse tornado a entrar em poder da Espanha, teria perdido tanto o seu estado politico?

Quando hum governo se apodera das riquezas de outro, tendo-o na mais absoluta dependencia das cousas physicamente necessarias, naõ sómente perde quanto se tem insinuado, mas tambem a liberdade civil, que só existe no nome; e assim pois teria sido melhor para Portugal tello qualquer potencia conquistado com as ar-

mas, porque neste caso só teria pensado nos meios de romper, e libertar-se das cadeias, em vez que no outro naõ faz mais que arrastallas, e soportar o seu peso com paciencia.

Está cheia a historia de nações que sacudiraõ o jugo dos que as conquistáraõ á força de armas; mas quasi nunca se vio sahir huma naçaõ daquella especie de escravidaõ em que a poz outra, destruindo as suas artes, e o seu commercio, porque tendo-lhe tirado as suas riquezas lhe cortou o nervo do seu poder civil, e politico.

Naõ podia, nem devia a Inglaterra, por causa d'huma infinidade de considerações tiradas do systema geral, valer-se da força, e das armas para destruir Portugal, e assim lhe foi preciso servir-se para executallo, d'hum systema economico de principios destructivos: era precizo manifestar este systema sob o aspecto, e ap-

parencias mais vantajosas, e fazer que o adoptassem os Portuguezes, sem embargo de ser-lhes por extremo prejudicial. Conseguio-o taõ felizmente a Grã-Bretanha á força de artificios, e daquella eloquencia, que lhe he natural quando se trata dos seus interesses, que chegou a encantar Portugal com as maximas seguintes, com as quaes reduzio este reino á ruina, e fatalidade em que o temos pintado.

I. *Que o ouro he huma mercadoria como as outras.*

II. *Que Portugal, cujo terreno he naturalmente esteril, naõ póde produzir o que se necessita para a subsistencia dos seus habitantes.*

III. *Que a agricultura era inutil naquelle Reino, e que estavaõ obrigados os demais estados da Europa a subministrar-lhe as cousas physicamente necessarias.*

IV. *Que Portugal naõ tem necessidade de exercito de terra, nem de esquadras de mar; e que toda a*

Europa está interessada em mantel-lo no estado em que se acha.

V. *Que o ouro que se tira das minas da America, conduzido á Europa, e levado depois ao Oriente pelo commercio da India, se consome como as outras mercadorias.*

VI. *Que por mais que digaõ, os Portuguezes saõ mais ricos hoje em dia, que antes do descobrimento das suas minas.*

VII. *Que Portugal naõ tem necessidade de manufacturas, visto que com o seu ouro póde ter todas as mercadorias fabricadas mais baratas do que podiaõ fabricar-se no seu Reino.*

VIII. *Que ainda que os Portuguezes quizessem estabelecer manufacturas, naõ o poderiaõ conseguir, porque o clima do paiz he opposto ao estabelecimento dellas.*

IX. *Que he conveniencia o facilitarem os Inglezes a Portugal os meios de extrahir o seu ouro, pois sem isto os negocios da Europa iriaõ muito mal.*

X. *Que desde a alliança de Portugal com a Inglaterra se introduzio entre os Portuguezes hum luxo, que he infinitamente proveitoso á naçaõ.*

XI. *Que Portugal naõ póde passar sem o auxilio dos outros estados da Europa, e especialmente da Inglaterra.*

XII. *Que a frequencia dos estrangeiros em Portugal, he necessaria, que esta he a que fez mais sociaveis os Portuguezes, e os poz de nivel com as outras nações cultas.*

XIII. *Em fim, que he necessario na ordem geral das cousas, que algumas nações estejaõ inteiramente ociosas, em quanto outras trabalhaõ, e que assim o tem ordenado a Providencia.*

Estas maximas encerraõ hum corpo completo de meios seguros, e infalliveis para arruinar a monarquia Portugueza, e assim produzíraõ o seu effeito. Vou provallo demonstrativamente maxima por maxima.

Quando n'hum estado se ad-

mittem semelhantes maximas, tudo vai perdido, e ninguem concederá que naõ tendo hum povo modo de governar-se, e este viciado, seja preciso seguillo.

De hum seculo a esta parte temos visto varios governos a ponto de perecer pelas desordens introduzidas na sua constituiçaõ; mas tambem os vimos emendallas, e com a sua reforma fazerem-se naçoes poderosas. Será pois possivel que esta regra seja boa para todas as outras naçoes, e má sómente para Portugal?

Naõ ignoro que quando hum povo tem estabelecido hum certo modo de conduzir-se, he hum pouco perigoso mudallo; mas naõ he este o caso em que se acha Portugal: este Reino está cheio de gente, que vio nascer este systema, e que padece os damnos delle. Naõ ha sessenta annos, que esta naçaõ se conduzia por maximas diametralmente oppostas.

Todo o mundo sabe, que este povo se manteve mais de mil annos só com a sua industria, e valor, sem o soccorro de mina alguma de ouro. Que nova fatalidade pois se derramou sobre elle? que encanto he este? que illusaõ? Se as antigas maximas foraõ boas até Pedro II. porque haõ de ser más agora? Alguem me responderá, que hoje está o estado sobre outro pé, e systema que naquelle tempo; se porém este systema he máo, se se dirige á destruiçaõ da liberdade da naçaõ, que duvida poderá haver em destruillo?

Em materia de governo politico, e civil, he maxima segura de estado, que se quando corrigindo os abusos, saõ maiores os inconvenientes que resultaõ, he forçoso deixallos como estavaõ; mas quando elles saõ superiores aos inconvenientes, naõ deve haver a menor duvida, em que seja preciso reformallos, porque no go-

verno succede o mesmo que em todas as outras cousas do mundo, que o maior sempre arrasta o menor.

§. VIII.

Que o ouro he huma mercadoria como as outras.

Segundo o systema que se acaba de expôr, o ouro he huma mercadoria, da qual se desfazem os Portuguezes em beneficio dos Inglezes, como os Hollandezes da sua pimenta com o restante da Europa.

Se se considera o ouro como metal, he certo que he huma mercadoria; mas tambem está determinado, que as suas qualidades o fazem superior a todas. O ouro representa tudo: he o signal da riqueza, e do poder: dura mais que as outras mercadorias, e muito tempo depois de consumidas estas, se conserva no mesmo estado.

Destas breves reflexões se deduzem consequencias mui funestas para a naçaõ que se desfaz do ouro, pois facilita ás outras os meios mais seguros de fazellas superiores, e mais poderosas.

Em nenhuma historia se lê, que huma naçaõ se tenha servido desta, ou daquella mercadoria para destruir hum Reino; mas a cada passo se achaõ exemplos, de que o ouro d'hum estado que passou a outro, servio para subjugallo.

Se o ouro he mercadoria tal, se he hum genero como os outros, por que razaõ todos os principes da Europa fizéraõ leis taõ rigorosas para impedir que sáia dos seus estados? e pelo contrario, porque animaõ, e daõ recompensas aos que de outras nações o introduzem nas suas?

Os Portuguezes incorrem aqui n'huma contradicçaõ manifesta: he certissimo, que a primeira maxi-

ma do governo politico he, que o dinheiro naõ sáia do estado: todos os soberanos do mundo concordaõ sobre este ponto, ainda que em outras cousas do governo naõ sejaõ uniformes.

N'hum reino rico, e opulento em si, que tem grandes entradas, e cuja posiçaõ, e commercio se avantajaõ sobre as nações que commerceaõ com elle, póde muito bem estabelecer-se o fazer do ouro mercadoria; porque se hum primeiro giro o faz sahir fóra, torna logo a entrar por outro giro, e quasi sempre com augmento. He mais hum ramo, que estes estados accrescentaõ ao seu commercio.

Mas n'hum reino, que pela situaçaõ dos seus negocios deve a todo o mundo, e ao qual ninguem deve nada; que naõ tem senaõ huma porta por onde sahe o seu dinheiro, cujo ouro vai sem remissaõ augmentar as riquezas de

outras nações, em tal reino naõ deve ser considerado este metal como mercadoria.

§ IX.

Que sendo Portugal estéril por natureza, naõ póde bastar para a subsistencia dos seus habitantes.

Se fosse verdade o que os partidarios do systema Inglez assegurаõ sobre a esterilidade de Portugal, eu confesso que seria hum dos fenomenos mais extraordinarios da natureza, e hum caso novo no mundo: isto he, que depois de ter produzido a natureza dois milhões de homens n'hum continente, se negasse a dar-lhes a precisa subsistencia.

Naõ conhecem os que fabricaõ taes systemas, quaõ absurdas saõ as suas proposições. A conservaçaõ tem huma intima relaçaõ com a creaçaõ: a primeira he sem-

pre consequencia da segunda; e este systema he superior a todos os systemas, porque he o da natureza mesma. Se suppomos que Portugal padece huma esterilidade natural, he preciso tambem suppor, que sempre a padeceo; porque a qualidade physica nunca se altera tanto, que cause tamanhas revoluções, de sorte que hum paiz que tenha produzido a subsistencia necessaria, deixe depois de produzilla.

Além de que seria hum caso mui extraordinario, que todos os historiadores tivessem convindo de naõ dizer-nos, que este reino naõ podia dantes subsistir por si mesmo; mas succede muito pelo contrario, pois nos dizem que longe de ser escasso de alimentos, abunda delles para sortir os seus visinhos.

Se alguma má influencia se espalhou em Portugal, foi certamente depois do tratado de Grom-

wel; antes desta época tinha em si este reino aquillo de que precisava; de sorte que o ar que o esterilisou, veio de Inglaterra.

Naõ ignoro que o terreno de Portugal he menos abundante de certas cousas, que alguns outros paizes da Europa; mas tambem sei, que a sua supposta esterilidade tem a sua raiz no systema de agricultura de Inglaterra. Depois que com a arte se achou o meio de supprir a natureza, e que a agricultura, como todas as outras partes da administraçaõ, se sujeitou á razaõ do calculo, todos os paizes do mundo se pódem fazer ferteis até hum mesmo gráo; por exemplo: hum estado, cujo terreno he tres vezes menos bom que o de outro, naõ tem mais do que augmentar do triplo a cultura das suas terras, e porá o seu producto ao nivel com as que saõ tres vezes melhores. Este he o systema de agricultura dos Suissos. Quantos

estados ha na Europa menos férteis que Portugal, que sem embargo daõ com abundancia a subsistencia aos seus habitantes?

§ X.

Que todos os estados devem sortir Portugal do que necessita.

Expõe-se a tantos riscos hum povo, que recebe de outras nações as cousas necessarias para a sua subsistencia, que por muitos que resultem do methodo contrario, deve-se-lhe dar a preferencia. Como todo governo se acha n'huma posiçaõ violenta, cada governo (ainda em tempo de paz) deve considerar-se n'hum estado de guerra respectiva, e pôr-se em estado de naõ precisar das outras nações. E assim como o objecto dos vassallos he a sua fortuna particular, o de hum estado deve ser o seu engrandecimento geral.

A primeira maxima da guerra he ter mantimentos: huma praça atacada, que carece delles, naõ se póde sustentar; e naõ ha necessidade de empregar as armas contra ella, porque está perdida sem remedio.

Sem muito exame se conhece a differença, que ha entre as nações que pódem subsistir por si mesmas, e as que tiraõ a sua primeira subsistencia das estrangeiras. A França, e a Inglaterra existiriaõ ainda que o resto do mundo se anniquilasse respectivamente a ellas. A razaõ he mui singela, porque estas duas nações tem dentro de si as cousas mais necessarias para a vida, e naõ devem este beneficio tanto á sua natural posiçaõ, e terreno, quanto á sua politica, e agricultura.

Naõ basta a hum povo ter metaes com que acuda ás suas necessidades, necessita ter ainda no seu territorio as cousas de primei-

ra subsistencia para a vida. A hum Imperador da China apresentou hum particular humas pedras preciosas, que tinha sacado de huma mina; mas aquelle Principe a mandou fechar dizendo, que naõ queria que o seu povo se occupasse n'huma cousa, que por si mesma naõ era boa nem para comer, nem para vestir.

Ha huma grande differença entre as cousas necessarias, e os meios de adquirillas. Estes estaõ sujeitos a huma infinidade de accidentes; e com os mesmos com que se concede algumas vezes huma cousa, naõ se póde lograr outras vezes.

Por mais que se altere o systema geral da Europa, qualquer estado que tenha em si as cousas de primeira necessidade, achará sempre dentro de si proprio os meios de reparar os golpes, que lhe dêm os seus visinhos. Basta-lhe para sua defeza despertar o

valor dos seus póvos, e levantallos se estaõ abatidos (cousa facil de executar quando se trata da vida, e fortuna delles); mas o que naõ se póde recobrar de repente, he a industria que a naçaõ tiver perdido. Saõ precisos alguns seculos para que torne a alcançar por si mesma huma subsistencia, que está costumada a receber de maõ estranha; e terá de vencer para este fim, naõ sómente as circunstancias politicas, mas ainda as mesmas paixões dos homens; porque quando a ociosidade, a preguiça, e a aversaõ ao trabalho lançáraõ raizes n'hum povo, naõ saõ cousas que se corrijaõ em hum anno. He impossivel reformar de repente huma naçaõ: saõ precisas algumas gerações: e neste tempo ninguem póde impedir a hum estado ambicioso que ponha em execuçaõ os projectos perniciosos que tiver meditado.

Por mais que se combinem os differentes modos de governo, por mais que se estabeleçaõ novos systemas de politica, será sempre verdade que se achará em huma situaçaõ precaria todo o povo, que naõ tirar do seu proprio territorio o que lhe he physicamente necessario: as melhores leis seráõ inuteis, superfluos todos os regulamentos de policia, e o seu governo politico, e civil hum ente de razaõ.

As superfluidades se pódem muito bem receber dos estrangeiros, porque sem ellas pódem passar os póvos; mas o precisamente necessario deve achar-se dentro do estado. Naõ ha systema de politica que possa supprir a sua falta; quero dizer, a privaçaõ do paõ, e do vestido.

Do que fica dito se deduz, que naõ se precisa d'huma grande revoluçaõ para ver arruinado o governo de Portugal. Basta que duas,

ou tres colheitas faltem á Inglaterra ; porque o superfluo desta provincia he o que abastece do necessario a Portugal. E na verdade que naõ será nenhum milagre ver esta falta de colheitas na Grã-Bretanha.

§ XI.

Que Portugal naõ tem necessidade de exercito de terra, nem de esquadras de mar; e que toda a Europa está interessada em mantello na situaçaõ em que se acha.

Eu me persuado facilmente que o systema presente da Europa he favoravel ás maximas com que se governa hoje em dia Portugal ; mas deixará de ser hum grande desacerto do governo deste estado o ter deixado perder a sua milicia, naõ ter nem exercito, nem soldados; n'huma palavra, naõ ter forças com que defender-se? Persuadiraõ-se os Portuguezes, que o

systema da Europa ha de ser sempre o mesmo? Naõ poderá padecer huma revoluçaõ geral esta parte do mundo? Naõ poderáõ mudar os interesses dos seus principes? Desgraçada a politica, que naõ vê as cousas senaõ no ponto actual. Este defeito encheo a terra de males, e derribou mais d'hum trono; porque quando as cousas tem tomado já hum certo curso, naõ parece que póde chegar o caso de mudar-se; e olha-se sempre como impossivel qualquer outro systema que se aparte do que ha estabelecido.

Mas para ver o contrario lembremo-nos sómente do que succedeo na Europa de hum século a esta parte, e veremos que tudo o que a politica julgava entaõ como impossivel succedeo depois. Segundo estavaõ entaõ as cousas, parecia impossivel que a Borgonha chegasse a ser provincia da França, e muito menos o Roussillon. Tam-

pouco parecia regular que adquirisse huma parte taõ consideravel da Flandres, porque tudo isto parecia contrario aos direitos de cada principe em particular, e ao equilibrio geral da Europa. Do mesmo modo parecia impraticavel, que a Alsacia pudesse obedecer a outros principes, que naõ fossem os seus antigos Senhores, pois esta desmembraçaõ, ao mesmo tempo que diminuia as forças do Imperio, augmentava as da potencia a que se aggregava. Quem havia de crêr, segundo os mesmos principios, que hum principe da casa de Bourbon havia de occupar o trono de Hespanha, quando todos os politicos estavaõ prognosticando, que se isto chegasse a succeder, a liberdade da Europa ficava destruida?

O mesmo systema tinha persuadido como huma cousa impossivel, que a Italia pudesse ser dominada por hum dos ramos da ca-

sa de França, quando os interesses desta monarquia, e os de Hespanha chegassem a ser huns; e pelos mesmos principios se julgava como imaginaria a adquisiçaõ da Lorena para a França. Esta época se considerava como a da escravidaõ universal da Europa: estas ideas faziaõ que a pragmatica sancçaõ de Carlos V. fosse olhada como o fundamento do equilibrio da Europa; e naõ obstante tudo isto, os bens da casa de Austria se víraõ divididos. Nada do referido parecia que devesse succeder; mas sem embargo, tudo succedeo.

Se hum politico no meiado do seculo passado tivesse prognosticado as alteraçoes acima declaradas, seria tido por hum visionario, ou por hum louco. Mas os interesses dos principes daquelle tempo naõ saõ os mesmos que os dos principes actuaes. Os governos que naquelle tempo applicavaõ todos os seus esforços a dimi-

nuir o poder de certos estados, hoje procuraõ por todos os meios possiveis o seu augmento, e prosperidade.

Os soberanos naõ saõ infalliveis em materias de politica, e enganaõ-se grosseiramente os que se figuraõ que naõ pódem errar: muitas vezes se allucináraõ sobre os seus proprios interesses, e os seus erros occasionáraõ funestas consequencias para os seus estados. Na historia moderna achaõ-se bastantes exemplos do que vou dizendo. A casa de Austria se vio muitas vezes abandonada daquellas potencias, que tinhaõ mais interesse em naõ separar-se nunca della. N'outras occasiões a Hollanda se unio com a França para abater as forças de huma potencia maritima, que em boa politica devia procurar vêr augmentadas.

Todos sabem que a Inglaterra naõ póde ter outro systema que o de obrar de concerto com a

Hollanda para oppôr-se ao engrandecimento da França; e sem embargo houve tempo em que os Inglezes, e os Francezes se uniraõ para arruinar inteiramente aquella republica.

Toda a Europa está interessada em que o Turco naõ adiante as suas conquistas; e todo o mundo vio que a maior parte dos Soberanos lhe deixáraõ fazer muitas. Os Venezianos nas guerras de Candia, e da Moréa, se víraõ abandonados ao furor dos Musulmãos. Em summa, os systemas daquelles tempos já naõ existem; e aos de agora chegará o dia em que lhes succeda o mesmo. E que succederá entaõ a Portugal, se entre tanto naõ cultiva as suas terras, e naõ adianta as suas manufacturas.

§ XII.

Que o ouro que se tira das minas da America, conduzido á Europa, e levado depois ao Oriente pelo canal do commercio da India, se consome como as outras mercadorias.

Antes do descobrimento das minas do Brasil, fazia a Europa com pouca differença o mesmo commercio, que hoje em dia faz com as Indias Orientaes: aquelle commercio se fazia do mesmo modo que o de agora: isto he, levando lá metaes que se trocavaõ por mercadorias; que he o modo com que em todos os tempos commerciou esta parte do mundo com aquella.

He pois evidente, que se a Europa naõ tivesse achado o modo de remediar os inconvenientes daquelle commercio, já naõ se acharia

nella huma onça de ouro, nem de prata: he pois evidente, que extrahindo sempre riquezas d'huma especie, e naõ as supprindo com outras da mesma natureza, ha de chegar o caso de se esgotarem totalmente, naõ obstante, a experiencia provou o contrario.

O estabelecimento das companhias da India antes do descobrimento das minas de ouro do Brasil, naõ diminuio a somma fixa, e permanente das riquezas. Fizéraõse estes estabelecimentos sem que delles lhe resultasse mudança alguma; porque a Europa considerada como hum só corpo, tinha hum recurso geral, que contrapesava os inconvenientes do commercio da India, e era, como o he ainda hoje em dia, o producto das minas de Espanha.

Sempre se fez com prata o commercio da India, e até de mui poucos annos a esta parte naõ se levava lá ouro algum. Assim naõ

se ia perder na India o metal do Brasil, como se suppõe no systema Inglez, pois pelo contrario ficava na Europa, e anniquilava pela mesma razaõ Portugal.

Desde o Reinado de Philippe II. teráõ sahido das minas de Hespanha mais de três mil milhões de patacas, e com este cabedal taõ enorme fez a Europa o commercio da India, pois de todo elle talvez naõ passaráõ de cincoenta milhões os que ha hoje em dia em Hespanha.

Póde-se saber com pouca differença o producto das minas de ouro, e prata da America; mas naõ a diminuiçaõ destes metaes, porque varia muitissimo.

A maior parte dos estados da Europa evitaõ com pragmaticas o seu consumo. O luxo, as modas, os caprichos de certos póvos saõ causa de que se use mais o ouro, e a prata n'hum seculo que n'outro. Nos reinados anteriores tudo

éra liso, e agora tudo he dourado. Já naõ se usaõ os trastes de ouro, e prata que foraõ de moda durante muitos annos, e até os templos contribuem a haver variaçaõ nas riquezas do nosso mundo politico, porque he positivo que consomem mais prata n'huns tempos que n'outros.

Só pelo preço das mercadorias, e do trabalho pessoal se póde calcular o augmento do ouro na Europa, separadamente do commercio da India, que he a sepultura das nossas riquezas.

Trabalhei muito tempo para descobrir a proporçaõ que ha entre o augmento das riquezas de hum estado, e o relativo augmento do preço do seu trabalho pessoal, e descobri (ao menos me pareceo descobrir) que n'huma monarquia, como por exemplo, a França, isto he, n'hum reino onde o primeiro capital das riquezas fosse de cento e oitenta mi-

lhões de patacas; o numero dos seus habitantes de dezesete milhões; onde as classes de gente estivessem divididas com o mesmo methodo; onde o governo tivesse os mesmos principios; onde a actividade dos vassallos estivesse no mesmo gráo; o commercio no mesmo periodo; se o clima fôr com pouca differença semelhante, que houvesse o mesmo luxo, o mesmo gosto, as mesmas paixões, &c. digo que o augmento de vinte milhões, accrescentados á primeira massa geral, faria que subisse hum quinto mais o preço do trabalho pessoal.

Resulta disto, que sendo exacto o meu computo, seria facil descobrir em que parte da Europa estaõ hoje os thesouros do Brasil, e bastava para isso comparar o preço da industria de todos os estados antes do descobrimento das minas Portuguezas, com o que tem hoje em dia.

Poder-se-hia descobrir com este thermometro politico o gráo das riquezas de cada naçaõ, e calcular por conseguinte o do seu poder.

Se o ouro do Brasil passasse sómente pelas maõs dos Europeos sem deixar-lhes fructo algum, como se suppõe no systema Inglez, fixaria hum equilibrio inalteravel no preço do trabalho pessoal, e jámais augmentaria, nem diminuiria a industria; mas todos sabemos que succede o contrario.

Para provar a dissipaçaõ deste metal, diz-se, que desde o descobrimento das minas de ouro do Brasil, o maior luxo formou novos ramos de commercio, que contribuíraõ para que a Europa se desfaça da excessiva quantidade desta mercadoria da America; mas naõ posso persuadir-me, que este novo commercio tenha seguido a proporçaõ do ouro, porque as

mais das vezes se tem por augmento de commercio o que he méramente effeito da sua variaçaõ. O commercio sempre gira sobre si mesmo, e as suas alteraçõe saõ quasi sempre no modo, e naõ no seu cabedal, pois lhe tocaõ muito menos do que se crê. Se se fórma hum novo ramo, toma-se logo por augmento o que he sómente variaçaõ, sem reparar em que estes novos ramos occupaõ o lugar dos antigos.

Os caprichos, os gostos, as modas, e as fantasias, que saõ o manancial continuo das novas especulações de commercio, se succedem humas a outras; mas naõ se augmentaõ: sempre se estabelece o novo commercio sobre o antigo, porque se se fórma hum ramo, destroe-se outro.

Cada naçaõ tem huma especie de medida geral de gastos, da qual naõ acerta a sahir. Póde varialla de muitos modos, porque

succede que as cousas frivolas occupaõ o lugar das uteis, e he constante que as naçõés que gastaõ mais em superfluidades, economisaõ mais no necessario.

Em todo o orbe se déraõ sempre a maõ a prodigalidade, e a avareza; quando huma guarda por hum lado, a outra desperdiça por outro.

§ XIII.

Que por mais que se diga, os Portuguezes saõ mais ricos hoje em dia, do que antes do descobrimento das minas do Brasil.

Falsa supposiçaõ, pois as riquezas saõ relativas. A mesma quantidade de ouro, e prata, que faz que hum estado seja mui rico em hum tempo, póde fazer que seja mui pobre n'outro, porque a riqueza de hum povo consiste na proporçaõ da que tem comparada

com a dos outros, ou no preço das suas proprias mercadorias. Se sómente houvesse hum estado no mundo, seria indifferente a diminuiçaõ, ou o augmento dos seus metaes. Nunca seria mais rico, nem mais pobre, porque naõ haveria nenhum que fosse mais rico, nem mais pobre que elle. Póde chegar hum estado a ser ametade mais pobre do que era, augmentando-se em dobro as suas riquezas, e basta para isto que augmentem os outros as suas com excesso a esta proporçaõ, sendo mui indifferente em si, que o cabedal geral das riquezas da Europa se augmente, ou diminua, isto he, que o total n'hum seculo seja de dois mil milhões, e de vinte mil n'outro; porque no primeiro caso a naçaõ que possue a maior parte dos dois mil milhões, será taõ rica como a que tiver a maior parte dos vinte mil no segundo. A excessiva quantidade de metaes

só serve de embaraço, e o mesmo papel pódem fazer vinte milhões como vinte mil.

Pelo que diz respeito a Portugal, engana muito a comparaçaõ que se faz do estado actual das suas riquezas com o estado em que estavaõ ha dois seculos, separado do das riquezas das outras potencias daquelle tempo. A comparaçaõ deveria ser das riquezas daquelle tempo com as de agora, feita com as riquezas que agora tem a Europa. Se se observaõ nesta comparaçaõ todas estas proporções relativas, vêr-se-ha que a monarquia Portugueza he hoje em dia mais pobre que nunca. Rompeo o equilibrio o descobrimento das suas minas, e se empobreceo a si mesma, porque enriqueceo muito as outras nações. He evidente que o reino he summamente pobre, e já disse n'outra parte, que o estado deve aos estrangeiros cousa de vinte milhões

de cruzados: apenas haverá seis effectivos em todo Portugal; com que ainda lhe faltaõ quatorze milhões para chegar a ter hum real proprio. O seu povo he o mais miseravel da terra, as mercadorias as mais caras, e no continente ha provincias cujos habitantes jámais víraõ em moeda de ouro a effigie do seu Soberano. Ouvíraõ dizer, ou lêraõ que Portugal tinha minas de ouro: mas desfrutaõ menos as riquezas do Brasil que os vassallos dos outros Principes da Europa.

§ XIV.

Que Portugal póde com o seu ouro ter as mercadorias fabricadas por melhor preço, que aquelle por que elle as poderia fabricar.

Este he hum laço que a Inglaterra armou a Portugal, repetindo-lhe incessantemente, para que necessitais de manufacturas? Nós

vos daremos das nossas por melhor preço, que aquelle por que poderieis fabricallas. Esta economia prejudicial teve, e tem como encantado o ministerio, e sobre este ponto nem vio, nem adiantou mais.

Quando se queria estabelecer alguma manufactura se principiava por calcular se se poderia fabricar taõ barato como em Inglaterra, donde se tirava o genero fabricado, e como se visse que era sempre mais caro o trabalho pessoal, dizia-se que ganhava a naçaõ em servir-se das manufacturas Inglezas, e que pela mesma razaõ naõ se estabeleciaõ em Portugal. He cousa notavel que entre os muitos ministros que se succedêraõ desde o estabelecimento desta politica, que fez adoptar manhosamente a corte de Londres à de Lisboa, nenhum notasse, que o preço do trabalhador nacional era huma cousa imaginaria, e que pe-

lo contrario o augmento do trabalho pessoal formava maior circulaçaõ, e que o ouro ficava dentro do Reino. He mui estranho que naõ se visse que huma pataca por dia, dada a hum obreiro do paiz, naõ sahindo do estado, podia combinar-se cada instante de infinitos modos com vantagem sua; e que hum real dado a hum artifice estrangeiro causava huma perda effectiva: sendo certo que toda combinaçaõ vantajosa da moeda se acaba no instante em que sahe do estado. Desditosa a naçaõ cujo ministerio vive taõ atrazado no systema economico.

§ XV.

Que o clima se oppõe ao estabelecimento de manufacturas em Portugal.

Imbuido hum governo de maximas erroneas, acha sempre pretextos para naõ fazer o que devêra, e naõ os achando na politica, vai buscallos no clima. Se dous, ou tres ministros Portuguezes, que seguiraõ caminhos errados para estabelecer manufacturas, ou alguns particulares sem engenho, sem talentos, e sem capacidade, naõ sahiraõ bem do projecto destes estabelecimentos, attribuia-se a culpa ao clima, e naõ se lembravaõ que tendo tido effeito nos tempos antigos os mesmos estabelecimentos, podiaõ tello tambem depois, pois o clima d'hum seculo se differença pouco de outro. He evidente, conforme isto, que se se

tivessem tomado medidas exactas, e adequadas, se teriaõ estabelecido manufacturas em Portugal como nos outros reinos.

Ainda se viaõ no anno de 1754 em differentes provincias as reliquias dos teares, que até meiados do seculo passado puzéraõ a monarquia Portugueza em estado de naõ necessitar das outras; e como nos poderemos persuadir que as lãas daquelle clima, que durante tanto tempo contribuiraõ a manter as manufacturas, se considerassem depois como hum obstaculo, quando se pensou em restabelecellas? Busque-se pois a causa desse fenomeno na politica da Inglaterra, e descobrir-se-ha a sua origem nos manejos secretos da corte de Londres com a de Lisboa.

Haverá 36 annos que tendo resolvido no reinado de D. Joaõ V. hum habil ministro Portuguez estabelecer manufacturas naquel-

le Reino, tomou medidas adequadas para ser bem succedido na sua empreza. Estavaõ vencidos todos os obstaculos, e ia já ceder á politica a imaginada ingratidaõ do terreno; quando dous mil guinéos dados a tempo lhe restituiraõ a sua antiga maligna influencia. Oppoz-se sempre desde entaõ o clima ao estabelecimento das manufacturas; naõ devemos porém attribuir esta mudança ao ar, mas sim ao dinheiro, ou á cobiça.

§ XVI.

Que he grande vantagem o dar a Inglaterra meios a Portugal para extrahir o ouro do Brasil, e que sem este recurso estariaõ em peior estado os negocios da Europa.

Póde succeder que vissemos tudo pelo contrario: he verdade que o augmento deste metal alentou muito a industria geral: e que pelo

novo consumo de que foi causa, augmentou tambem varios ramos do commercio universal. Mas compensaõ acaso estas vantagens outras infinitas desordens, que causou na Europa.

Se retrocedemos ao principio de todas as nossas guerras de sessenta annos a esta parte, descobrir-se-ha á sua origem nas riquezas do Brasil, porque huns principes que antes do descobrimento destas minas se viaõ precisados a manter-se nos estreitos limites da impossibilidade, que lhes prescrevia a sua natural pobreza, ricos depois com os thesouros do Brasil, inquietaraõ toda a Europa.

He tambem verdade, que antes desse descobrimento tinhaõ guerras os póvos da Europa, mas eraõ de distincta natureza das nossas. Vencida huma naçaõ estava acabada a guerra, porque naõ tinha meios de refazer-se: era verdadeira a sua perda: o seu pro-

prio sangue era o que se derramava : com as batalhas se dava fim ás batalhas, e entre nós nascem as guerras das mesmas guerras.

Desde que se vio a Europa inundada das riquezas da America, pudéraõ os Principes satisfazer mais facilmente a sua ambiçaõ. Estimulada esta paixaõ pelos mesmos meios de polla em movimento, causou mais dissensões que nos tempos antigos : formáraõ as minas de ouro no nosso mundo politico hum novo manancial de calamidades humanas, pois houve principes, desde que he taõ commum aquelle metal, que tivéraõ meios de comprar nações inteiras para enviallas a destruir outras, e em todas as partes acháraõ os soberanos instrumentos mercenarios da sua ambiçaõ.

Naõ me deterei neste assumpto, cuja grande extensaõ podia dar-mo para escrever muitos volumes, e assim direi sómente que

nas nossas ultimas guerras se pagáraõ quasi sempre com prata do Mexico as tropas Francezas em Italia, e com ouro do Brasil as do Duque de Saboya, e as Inglezas.

Póde-se ter por certo, que se as minas do novo mundo naõ tivessem produzido taõ immensas riquezas, jámais se teriaõ visto na Europa estas guerras que destruíraõ tantas nações, causáraõ tantas inquietações, e arruináraõ tantos póvos, porque naõ saõ as guerras como os outros negocios da politica, e naõ se põem exércitos em campanha com systemas theoricos, mas sim com cousas effectivas, e reaes.

Antes que regule hum Monarca as operações da guerra, he preciso que conte com o seu thesoureiro, sendo a fazenda o principal, e o exercito o accessorio; pois antes de se irem matar os homens, querem saber por que

preço. A falta de dinheiro põe hum exercito na maior consternaçaõ; e pelo contrario, a vista do ouro avigora os soldados, e he quasi sempre a alma das victorias. Pela riqueza da caixa militar se deve calcular o gráo de valentia da tropa.

He impraticavel o projecto de diminuir a ambiçaõ de quasi todos os principes, e o unico meio que poderia pôr limites aos seus insaciaveis desejos de se engrandecerem, era o de huma certa medida de riquezas.

Sobre a quantidade de riquezas geraes se funda a das calamidades humanas, e quanto maior seja aquella, tanto maiores seráõ os males do mundo. Póde-se assegurar que seria a Europa mais feliz se naõ se tivessem descoto taõ abundantes minas. Se se tivessem mudado menos as fortunas dos estados, naõ teriaõ sido taõ frequentes as revoluções,

naõ se teria familiarisado tanto a gente com os homicidios, e com os outros horrores que acompanhaõ sempre as guerras. Haveria por conseguinte mais quietaçaõ nos espiritos (pois os homens herdaõ as paixões de seus pais) mais bondade, mais rectidaõ, mais franqueza no trato; menos vicios, menos corrupçaõ, e por conseguinte mais honra, mais probidade, e n'huma palavra, mais virtudes.

§ XVII.

Que desde a alliança dos Portuguezes com a Inglaterra, se estabeleceo em Portugal hum grande luxo que lhe he necessario.

Sem entrar nas discussões suscitadas entre os politicos sobre o luxo, direi unicamente que naõ he igual a sua utilidade para todos os povos.

O luxo he n'algumas monarquias da Europa hum negocio de estado, entra na politica do governo, e vem a ser huma das mais firmes columnas da coroa; mas para isto saõ precisas algumas circunstancias particulares, e muitas causas segundarias. Em Inglaterra, por exemplo, onde está estabelecido o luxo no fructo do trabalho do lavrador, augmenta o poder da monarquia, e he huma móla mais naquelle governo, que dá novo vigor ao estado politico. Para conseguir isto, he indispensavel que o estado tire quasi tudo da sua propria colheita; e he regra geral infallivel, que quando huma naçaõ naõ tem as primeiras materias do seu luxo, lhe he sempre prejudicial, porque a vantagem do trabalho pessoal naõ póde contrapesar aquelle primeiro inconveniente.

Naõ saõ os póvos ricos os que devem temer mais os effeitos

do luxo, porque em geral tem em si recursos com que compensaõ os seus prejuizos; mas os estados pobres arruinaõ-se, porque lhes faltaõ meios de supprir os prejuizos que continuamente lhes causa.

Ha hum meio seguro para saber se se deve favorecer o luxo n'hum estado, e vem a ser o de examinar se o povo tem dentro de si, e facilmente as cousas physicamente necessarias, porque he preciso desterrallo quando he precaria a primeira subsistencia. He verdadeira, e segura maxima politica, a de que as artes uteis saõ primogenitas das artes agradaveis, e que he necessario que precedaõ aquellas a estas, e assim se estabelece hum erro quando se dá como regra geral, sem distincçaõ alguma, a de que o luxo he necessario em todos os estados monarquicos.

Se póde chegar a ser util a

alguns estados por alguma disposiçaõ particular, causa por outro lado tantos prejuizos a outros muitos governos, e estes prejuizos tem tantas consequencias para a sociedade, que talvez de desterrallo do mundo resultaria universal beneficio.

Por mais que a politica queira tirar vantagens até dos vicios mesmos, nunca póde contribuir a corrupçaõ á grandeza de hum povo; e suppor que naõ faráõ grandes progressos os vicios n'huma naçaõ, que tem hum grande luxo, he naõ conhecer a cadeia que une as paixões entre si.

Os homens se pagaõ muito das exterioridades, e o governo politico depende por algum modo do vestido dos vassallos.

A's vezes huma estofa, confundindo as classes, e estados das pessoas, causa ao estado hum prejuizo universal.

A deosa Minerva, intentan-

do estabelecer na terra hum governo perfeito, quiz que cada classe de homens se distinguisse com hum vestido differente.

Offerece-nos a historia neste assumpto huma anecdota mui notavel, que prova que o luxo foi sempre o principio da corrupçaõ de todos os governos.

Refere Suetonio: « Que sómente intentou Julio Cesar apoderar-se da liberdade da sua patria, porque naõ sabia de que maneira pagasse as dividas que tinha contrahido com o seu excessivo luxo. Muitos tomáraõ méramente o seu partido por falta de meios para manter o luxo em que se tinhaõ empenhado, e porque esperavaõ ganhar na guerra com que manter o seu primeiro fausto. »

Ao mesmo tempo que se diminue o luxo n'hum estado, se limitaõ os desejos dos cidadaõs, porque desapparecem infinitas su-

perfluidades, que dantes se reputavaõ como outras tantas cousas necessarias; e livres os homens deste confuso tropel de fantasias, tem menos vivas as paixões.

Naõ consiste o prejuizo que do luxo resulta a hum estado em que se introduza junto do Principe, e dos grandes. O damno procede de que fazendo-se geral o contagio, passe aos que naturalmente deveriaõ ter sómente o physicamente necessario. Quando a delicadeza, e o apego á commodidade transcende á plebe, entaõ sim que tudo deve reputar-se por perdido.

« Quando o luxo se apodera » de huma naçaõ (diz hum Au» thor) chega a ser hum mal qua» si incuravel. Assim como a de» masiada authoridade he nociva » aos Reis, assim o luxo he no» civo a huma naçaõ. Habituan» do-se a considerar como preci» sas as cousas mais superfluas,

» inventaõ-se cada dia novas pre-
» cisões, que destroem as fami-
» lias, e impossibilitaõ os parti-
» culares de contribuir aos gas-
» tos necessarios para o publico. »

A isto accrescentarei, que quando o luxo chega a apoderar-se de huma naçaõ, acaba se a harmonia entre as classes. Os que pela sua situaçaõ estavaõ dantes condemnados a hum trabalho forte, e penoso, debilitados pelo luxo, arrojaõ de si hum peso que lhes parece naõ poderem soportar, e immediatamente se estabelecem hum sem-numero de officios, e profissões frivolas.

Para que hum estado naõ decáia, he forçoso que a parte do povo, que tem a seu cargo a principal subsistencia, esteja isenta da corrupçaõ, que certo luxo traz sempre comsigo. Esta falta de administraçaõ civil he a causa de que tantos declinem insensivelmente, e por fim pereçaõ, sem que

se possa sinalar a época da sua quéda.

Em Portugal todo o genero de luxo concorria a debilitar a monarquia, porque tinha a sua principal origem fóra do reino.

§ XVIII.

Que Portugal naõ póde deixar de necessitar dos outros estados da Europa, e especialmente de Inglaterra.

Que desgraça succedeo á este reino, que já naõ póde obrar por si mesmo, e que para manter-se necessita dos outros estados? Lendo a historia de Portugal vê-se, que o edificio daquella monarquia se erigio (1) sem o auxilio das outras nações.

(1) A verdade da historia he que o Rei de Castella e Leaõ D. Affonso VI. casou sua filha D. Theresa com Henrique de Lorena, que tinha vindo como aventurei-

Todos sabem que Affonso Henrique, primeiro Rei de Portugal, conquistou aos Mouros, *Lisboa*, *Mafra*, *Cintra*, *Obidos*, *Béja*, *Elvas*, *Coimbra*, *Evora*, *&c.*

Sancho primeiro unio a Portugal hum novo reino, e restabeleceo as cidades de *Valença*, e *Montemor*. Sancho II. tomou aos Mouros a provincia do *Alemtéjo*. Affonso III. conquistou *Odemira*, *Monforte*, *Valença do Minho*, *Viana*, *Castro*, *Portalegre*, *Villa Viçosa*, *e Monçaõ*. Diniz fundou varias cidades novas; e já

ro servillo na guerra contra os Mouros, e lhe assignou em dote tudo o que em Portugal tinha ganhado sobre os Mouros com o titulo de Conde, e com condiçaõ que fosse vassallo dos Reis de Castella, e viesse ás Cortes do reino, e á guerra com suas armas, e gente, todas as vezes que fosse avisado: as primeiras conquistas deste Conde Henrique, e de seu filho D. Affonso primeiro, que tomou o nome de Rei de Portugal, se fizeraõ sem duvida, com auxilio das armas do Rei de Castella.

havia cousa de trezentos annos, que aquella monarquia se tinha formado na Europa, mantendo-se sem ajuda dos estrangeiros, quando Joaõ primeiro emprendeo a conquista de Africa. Elle por si só formou o projecto, e sómente com os meios que extrahio de Portugal, o pôz em execuçaõ. Joaõ II. fez conquistas sem mais soccorro que o de seus vassallos: e estava taõ longe de valer-se dos de outros estados para effeituar os seus designios, que sómente porque Christovaõ Colombo era estrangeiro, naõ quiz admittir o offerecimento que lhe fez da America. He certo que as grandes, e decisivas determinaçoes de estado daquella monarquia se tomáraõ sem assistencia dos demais povos.

O descobrimento do ouro do Brasil foi o que chamou os estrangeiros a Portugal, pois antes daquella época naõ havia naçaõ que

soubesse o caminho daquelle reino.

Em quanto duráraõ as disputas de Portugal com os Mouros, naõ houve potencia que interviesse nos seus negocios particulares: mas apenas descobríraõ os Portuguezes tamanho thesouro, logo todos acudiraõ a repartillo entre si.

§ XIX.

Que o trato dos estrangeiros fez mais sociaveis os Portuguezes, e os igualou com as nações cultas.

Poucos vocabulos ha, cuja significaçaõ seja mais vaga que a da palavra *sociedade*. Desta se tem ordinariamente huma idéa geral que confunde sempre a ordem das cousas, figurando-se commummente, que para que hum povo seja mais sociavel, he preciso que seja taõ alegre, e festivo como outro; sem

nunca deter-se em reflectir, que ha alguns delles cujas virtudes moraes, e civís procedem da sua simplicidade, e lisura. E assim ás vezes se reputa por mais sociavel huma naçaõ, que na realidade se tornou mais barbara do que dantes era; pois naõ ha duvida que sempre vai decahindo hum povo, que chega a extraviar-se da vereda daquellas virtudes, que por largo tempo tinhaõ sido como a base do seu principal caracter.

A palavra sociedade he sempre voluntaria. O que para hum povo he sociedade, he commummente libertinagem para outro. Hum Author Chinez reputa por hum prodigio de continencia, que hum homem chegue a ver-se cara a cara n'hum quarto separado com huma mulher, sem violalla. Que legislador poderia estabelecer a frequencia de ambos os sexos naquelle paiz?

Com a frequencia dos estran-

geiros em Portugal, huma multidaõ de costumes, modas, enfeites, e divertimentos publicos desconhecidos antes naquella monarquia, concorrêraõ a promover o gosto daquelle povo, que sahio entaõ pela primeira vez do retiro em que tinha vivido desde o tempo dos Mouros. Viraõ-se reciprocamente, e entaõ notáraõ-se naquelle governo huma infinidade de excessos, e irregularidades civís.

A separaçaõ dos dois sexos impede no Oriente a extincçaõ dos governos politicos: e com effeito, em que viriaõ a parar aquelles estados mal seguros, se os odios, as inimisades, os zelos, as idéas fantasticas, os caprichos, n'huma palavra, as paixões grandes, e pequenas das mulheres pudessem entremetter-se no systema do estado? Tudo se perderia irremediavelmente: de sorte que este costume preserva aquelles es-

tados de males maiores que todo o beneficio, que poderia seguir-se-lhes das melhores leis.

Ninguem ha que ignore que os Portuguezes tinhaõ dos Mouros os seus antigos costumes; e que o seu governo politico tinha por norma aquelles mesmos costumes. Ainda que nesta monarquia Christã naõ houvesse serralhos, havia naõ obstante huma clausura civil de mulheres, connaturalisada já naquella naçaõ.

O unico meio que encontra Plataõ para conservar os costumes de hum povo, he o de apartar dos nacionaes os estrangeiros. O caso naõ he averiguar se os usos, e costumes de huma naçaõ estranha saõ melhores, mas sim saber se estes usos convem ao povo em que os querem introduzir. Ao mesmo tempo que hum modo de apresentar-se nas concurrencias, de explicar-se, de vestir-se, de ajuntar-se, introduz novos gostos

n'hum povo; produz nelle sempre novas paixões. Como huma naçaõ adopte os divertimentos, as modas, os adornos d'outra, mui cedo contrahirá tambem os seus vicios, e defeitos.

A origem das paixões he em todas as partes a mesma: e assim sempre que se empreguem os mesmos meios para excitallas, póde-se ter a certeza de que resultaráõ os mesmos effeitos. Isto supposto, quando pelo trato dos estrangeiros chegaõ a corromper-se em algum povo os costumes, ficaõ por conseguinte as leis sem bastante vigor para poder manter o governo politico.

Aponte-se-me hum só governo sequer no mundo que naõ tenha decahido pela corrupçaõ dos costumes. As maximas dos Romanos, e naõ as suas conquistas foraõ as que formáraõ o seu grande poder, pois naõ sómente attendiaõ os censores da republi-

ca aos excessos capitaes, mas tambem aos mais minimos descuidos. Este era o segredo da grandeza daquelle povo; e a decadencia da republica se seguio immediatamente á depravaçaõ dos costumes dos seus concidadaõs.

Naõ faltará quem diga que os Romanos viviaõ sob hum governo que tinha por principio fundamental a virtude, e que naõ a requerem os estados monarquicos modernos. Mas se a virtude naõ he nos nossos governos taõ absolutamente necessaria, os costumes o saõ sempre. Porque como, ou por que regra se póde presumir que possa hum estado chegar a fazer-se poderoso, nem ainda a conseguir manter-se em certo gráo de mediania, quando domina nelle a corrupçaõ geral; quando naõ conhece a moderaçaõ dos desejos, a sobriedade, nem a temperança; quando a delicadeza, e o deleite cativa todos os corações; quan-

do o fausto, a preguiça, a ociosidade, e o abandono prevalecem como vicios da moda; quando os deleites dos sentidos, e as commodidades da vida humana saõ os unicos bens a que todos aspiraõ?

Esta, esta he a pintura de Portugal desde que com o trato estrangeiro chegou aquelle povo a ser o que se chama sociavel.

§ XX.

Que a disposiçaõ das cousas requer que estejaõ ociosas nações inteiras, em quanto outras trabalhaõ, porque assim o resolveo a Providencia Divina.

Quando se demonstra evidentemente a falsidade do systema que estabelecêraõ em Portugal os Inglezes; quando se apertaõ, e se deixaõ sem sahida os seus partidarios, reduzindo-os como á a-

gonia, e deixando-os sem saber que replicar: fazem-se fortes recorrendo ao seu ultimo argumento. Assim o dispôz, dizem elles, a Providencia: e ficaõ ufanos dando já por sua a victoria. Os politicos que discorrem assim, pódem-se comparar aos máos poetas comicos, que sempre recorrem a alguma deidade, quando insta a soluçaõ das suas composições theatraes. Chegando hum ministerio a adoptar semelhantes modos de discorrer, vem a ser inuteis todas as maximas de governo assim politico como civil.

Segundo este plano da Providencia, o povo mais idiota poderia crêr-se taõ bem governado como a naçaõ mais illustrada; sendo esta cabalmente a doutrina dos Musulmaõs, que vivem persuadidos que hum rigido destino dispoz todas as cousas de modo, que nada tem de fazer a politica.

Haverá quem possa suppor

que na sábia mente da Providencia, atalaia vigilantissima da conservaçaõ de todos os governos, tenha cabido a idéa de que houvesse na terra hum que continuamente se estivesse destruindo a si proprio; que se abandonasse gostoso á voracidade d'outrem; que se debilitasse, se abatesse, e se prostrasse; que continuamente fosse consumindo elle mesmo o seu poder politico, e civil.

Antes que Portugal descobrisse as suas minas, os seus naturaes, achando-se sem mais recurso que o commercio, e a cultura das terras, eraõ trabalhadores, e industriosos: do que se infere que sómente necessitaõ hoje em dia do estimulo da emulaçaõ. Sem duvida devia ser a Providencia a que naquelles tempos passados mandava que trabalhassem; e conforme o systema Inglez a mesma Providencia he quem agora quer que este povo esteja ocioso. Naõ he

isto mofar das cousas mais sagradas, e pretender reduzir a systema a Providencia mesma?

Sem embargo, todos os estados da Europa, como se a todos resultasse o maior beneficio da anniquilaçaõ da industria da naçaõ Lusitana, adoptáraõ, e abrigáraõ o systema Inglez; ou o que em substancia vem a ser o mesmo, naõ houve quem se oppuzesse a elle. Erro que causa admiraçaõ ter-se commettido n'hum seculo taõ illustrado como o nosso!

Seja-me licito retroceder hum pouco, e deter me a considerar nesta especie de geral lethargo huma cousa, que naõ creio tenha havido até agora nenhum author politico que a tenha notado: e permitta-se-me ao mesmo tempo que ponha presente a historia do nosso mundo, o nó gordiano da Europa, que até agora ninguem desatou, e que descubra, n'huma palavra, o enigma do systema geral.

Formou Henrique IV, Rei de França, o grande projecto de estabelecer na Europa huma paz fixa, e permanente: e ainda que o seu designio fosse digno d'hum bom Rei, contribuio mais a acreditallo de amante da humanidade, que de intelligente no conhecimento dos homens.

O abbade *Saint-Pierre*, author Francez, que muito depois publicou hum plano semelhante de pacificaçaõ, escreveo sobre o mesmo assumpto cousas muito boas, mas sómente para serem lidas; tendo-se comparado o seu projecto com huma arma, que pelo bem acabado della, se conserva em algum gabinete de curiosidades, sem que possa servir para outra cousa; propõe o dito author a junta d'huma dieta geral que arbitrariamente impedisse todas as guerras: e sobre este principio se engolfa n'hum mar de vantagens, que resultariaõ á Europa; como se a formaçaõ

d'huma dieta pudesse mudar a natureza ; diminuir as paixões dos homens; desterrar a ambiçaõ, e transformar os principes de homens em anjos.

He isto fazer o papel de politico, ou o de apostolo? Chama-se isto n'huma palavra, prégar o evangelho, a cujas leis ha por desgraça nossa taõ poucos que se sujeitem.

Naõ percebo como haja quem possa persuadir-se que huma dieta geral seria sufficiente para obrar semelhante milagre, quando a cada passo estamos vendo nos nossos congressos, que huma cadeira collocada fóra do seu lugar correspondente, hum criado d'hum plenipotenciario maltratado por casualidade, rompem as negociações mais importantes da Europa.

Além deste naõ faltáraõ outros engenhos delicados, que tenhaõ formado outros projectos de pacificaçaõ, fazendo para isto cal-

culos do poder de cada estado; das suas riquezas respectivas; das suas forças; do valor, e espirito marcial dos differentes povos; da influencia que o clima póde ter para infundir-lhes mais, ou menos alentos &c., pondo, digamo-lo assim, contrapeso a algumas monarquias para reduzillas a equilibrio com outras. De maneira que se póde dizer com razaõ, que ainda que semelhantes systemas manifestáraõ até onde alcança o entendimento humano; nem por isso deixáraõ de agitar o mundo novas revoluções, e discordias a pezar de combinações taõ bem dispostas.

Tampouco os vinculos do sangue bastáraõ para subministrar, por via dos matrimonios, remedio mais proveitoso a mal tamanho, abrindo caminho á tranquillidade geral; porque se isto tivesse podido conduzir a semelhante fim, haveria já muito tempo que os so-

beranos da Europa gozariaõ de huma profunda paz, sendo, como saõ, quasi todos parentes huns dos outros.

Pelo que diz respeito aos tratados, que alguns consideráraõ como o melhor meio para afiançar a tranquillidade publica, sou de parecer que naõ ha meio algum que seja mais inefficaz que os mesmos tratados, pois de cem annos a esta parte apenas houve hum que tenha tido inteiro comprimento. Nunca falta huma porta secreta, ou interpretaçaõ por onde achar sahida; e quasi se poderia julgar que a maior parte desses tratados tinhaõ sido dictados por probabilistas, se se attende ás restricções mentaes de que abundaõ. Além disto, os Soberanos saõ sempre considerados como menores: todos sabem que naõ pódem fazer cousa alguma contra o interesse do seu estado, naõ ignorando tampouco ninguem que o

que n'hum tempo he vantajoso, deixa de o ser n'outro. Agora sim; quem duvidará que segundo esta maxima, naõ se pódem annullar todos quantos tratados se concluíraõ no mundo?

Fica pois só o meio das armas, pois ha hum seculo que se principiou a crêr, que méramente com a guerra se póde conseguir a paz. Hoje em dia principiaõ as hostilidades: toma-se a expediçaõ de muitos correios como huma prova de que os ministros entráraõ na lide, e viéraõ já ás maõs: e depois de ter precedido huma infinidade de despachos, deixaõ ambas as partes a cargo de cem mil homens o terminar os escritos. De hum seculo a esta parte cançáraõ a Europa tantos sitios, e batalhas, que se delles pudesse resultar a paz, ha muito tempo que viveriamos quietos: mas a experiencia nos demonstra que depois de trinta batalhas dadas, nos

achamos com pouca differença na mesma situaçaõ que dantes.

He de admirar que entre tantos homens grandes, que trabalhaõ sobre o systema geral de pacificaçaõ, naõ tenha havido nem se quer hum que tenha dirigido as suas miras para a industria, a qual, desattendida em alguns estados, e aperfeiçoada em outros até o gráo mais alto, occasiona continuas variações no systema geral da Europa.

Ponto he este, que se alguma vez se considera, foi unicamente olhando-o como causa accessoria, e naõ como principal.

Nos tempos primitivos em que o lavrador era soldado, e o soldado lavrador; em que as artes ainda toscas, incultas, e imperfeitas, de nenhum modo influiaõ no poder dos estados, teria sido cousa mui inutil querer buscar hum systema de pacificaçaõ na industria dos póvos; mas desde que a

guerra tira desta todos os seus arbitrios; desde que naõ saõ os homens que pelejaõ, mas sim as maquinas; desde que o soldado deve á industria as armas, as riquezas o estado, e os recursos o Principe, depois que a industria sugerio meios de construir cidades ambulantes, que atravessando o Oceano, passaõ a novos mundos para fazer novas conquistas; depois que as artes, e officios chegáraõ a ser os interesses mais estimaveis das monarquias; depois que as que possuem mais cousas desta especie, vem a ser as mais florecentes; desde entaõ para cá, digo, só póde cada naçaõ por si fundar a sua segurança na proporçaõ relativa da industria geral. Fazendo huma séria reflexaõ, comprehender-se-ha claramente que a industria só de alguns póvos, attrahindo a si as riquezas dos demais, fez inclinar o systema da Europa para a parte que mais as favorece.

Em quanto Luiz XIV. Rei de França, naõ promoveo, e augmentou a industria dos seus vassallos, ninguem lhe attribuio o pensamento da monarquia universal. Naõ ha duvida, que aquelle projecto de conquistar o mundo foi unicamente hum fantasma politico, inventado pelos seus emulos; mas ninguem fallou de tal projecto quimerico, em quanto aquelle Principe naõ augmentou as artes em seus dominios: porque he hum axioma certo de politica, que huma naçaõ, que pela sua industria attrahe a si os thesouros d'outros estados, ha de chegar a termo de poder-lhes dar a lei.

Hum author mui célebre diz, que a historia do luxo das naçoes seria huma obra mui curiosa, e importante; mas a da sua preguiça, e ociosidade o seria muito mais. Alli se descobriria a uniaõ, e raiz da maior parte dos grandes successos que tantas vezes mu-

dáraõ a face da terra. Alli se faria patente como hum povo industrioso se foi apoderando insensivelmente das riquezas d'outro, que ó era menos, e aproveitando-se da sua ociosidade, lhe minou todo o seu poder. N'huma palavra, descobrir-se-hia a historia geral das revoluções do mundo.

Todo povo deve adiantar a sua industria quanto possa. Esta maxima he das mais importantes, e della depende unicamente a segurança de todas as nações. Huma vez que a industria fixar as riquezas das nações, conforme corresponder a cada huma dellas, conseguir-se-ha insensivelmente aquella tranquillidade geral, que se procura estabelecer em vaõ por meio d'outros systemas: de modo que se póde dizer, que *todas as linhas da industria do nosso mundo politico devem dirigir-se a hum centro, e que deste ponto fixo depende todo o equilibrio da Europa; pois o centro*

naõ he outra cousa senaõ a abundancia das cousas necessarias á vida, de que nasce a tranquillidade geral.

Fallemos agora circunstanciadamente do motivo por que Portugal se acha sem riquezas, e aclaremos, se he possivel, o principio da sua ruina. Além das causas geraes por que este reino devia empobrecer-se necessariamente, havia outras que lhe eraõ particulares. Suppondo huma naçaõ composta de dous milhões de habitantes, que naõ tem manufacturas proprias, póde-se calcular que gastará annualmente vinte milhões de cruzados a razaõ de 10 cruzados cada individuo, hum por outro, que por força haõ de passar a mãos de outras potencias. Naõ obstante este calculo, sabemos que Portugal (que cabalmente se acha no caso) gastava mais de quarenta milhões de cruzados só neste ramo. E que naõ sabia fazer com muito, o que outras nações fazem com pouco.

A causa de taõ grande differença he a que vou explicar.

Os Inglezes empregavaõ mais de cem navios grandes sómente para o commercio de Lisboa, e do Porto, que fazem hum capital de quasi dezeseis milhões de cruzados, cujo juro pagava Portugal á Inglaterra a razaõ de trinta por cento por anno; porque hum capital de navios, que se gasta continuamente, e que he forçoso renovar cada vinte annos, naõ póde deixar de levar este juro, cuja somma sóbe a quatro milhões oitocentos mil cruzados a cargo de Portugal. A marinha Ingleza occupava para este commercio mais de vinte mil marinheiros, cuja subsistencia deve sahir por força do fundo com que a Grã-Bretanha commercea em Portugal; o que pela parte mais diminuta faz hum rendimento de dous milhões e quatrocentos mil cruzados.

O frete das fazendas, aba-

tido o juro dos navios, e o salario dos marinheiros, se póde regular em quatro milhões; e a commissaõ da venda em hum milhaõ e duzentos mil cruzados. Esta partida naõ admira aos que forem instruidos do modo como os Inglezes fazem este commercio; pois he constante, que os Portuguezes nada recebem em direitura de Inglaterra, e que vem aquelles até á mesma Lisboa tirar-lhes das mãos a commissaõ.

Todas estas sommas juntas formaõ hum total de doze milhões e quatrocentos mil cruzados que paga Portugal á Inglaterra todos os annos; o que augmenta de hum trinta e cinco por cento o preço das cousas que necessariamente se gastaõ em Portugal. Isto bem entendido sem contar o que importaõ as expedições das mercadorias, porque aqui naõ se trata senaõ das sommas que os Portuguezes podiaõ forrar indo por si mesmos buscar

á fonte as cousas que necessitassem. Defeito de economia, sobre o qual está fundado o maior lucro que os Inglezes tiraõ de Portugal.

Até aqui naõ vimos senaõ os damnos que padece Portugal pela má fórma do seu commercio; mas o fundo delle he ainda muito peior. As nações mais incultas da Asia, os póvos mais estupidos, n'huma palavra, os mesmos Iroquezes tem melhor systema de commercio que os Portuguezes: os Turcos em troca de muitas das suas primeiras materias, e de algumas das suas manufacturas vem quasi a equilibrar a sua entrada com a sua sahida, e o mesmo vem a succeder com os Chinezes, e Japonezes. Mas entre a Inglaterra, e Portugal toda a perda está da parte desta naçaõ. As lãs que os Inglezes compraõ neste reino voltaõ para elle depois de fabricadas com hum lucro para a Inglaterra de qua-

trocentos por cento sobre o seu primeiro valor. Isto he, que cada parte desta mercadoria que tiver occasionado a entrada de hum milhaõ no reino, depois de fabricada, e vendida em Portugal, faz que sáiaõ delle cinco milhões.

Naõ obstante ser tamanha esta perda, ainda he maior a que occasionaõ as sedas, porque este reino compra de maõs estrangeiras a primeira materia fabricada, e assim saõ immensas as sommas que os Inglezes sacaõ do que introduzem deste genero no Brasil, e em Portugal. Tampouco saõ menores as que tiraõ das estofas de pello, como camelotes, durantes &c. O algodaõ fabricado lhes dá tambem infinito proveito, pois he constante, que quatro onças desta materia, cujo primeiro valor intrinseco he de menos de 80 réis, depois de trabalhada em tela fina se póde vender por mais de quatro pataças.

Naõ me parece ser necessario advertir, que todas estas mercadorias fabricadas naõ deixaõ tanto beneficio aos mercadores particulares que as vendem em Portugal, como ao geral da naçaõ onde se fabricaõ. Os grandes ganhos para hum governo já estaõ feitos desde logo que a materia foi fabricada. O fabrico servio para occupar huma infinidade de vassallos, e empregar muitas maõs; o que contribue a dar huma nova circulaçaõ ás riquezas do paiz, a aperfeiçoar a agricultura, e por conseguinte a augmentar a povoaçaõ.

O ramo de quincalharia, e o seu commercio em Portugal, he outra fonte de riquezas para a Inglaterra. Hum arratel de ferro fabricado se vende aos Portuguezes por cincoenta vezes mais do que vale no seu primeiro custo, e a relojoaria só de Inglaterra he bastante para empobrecer a Portugal.

Hum mostrador de relogio, em que haja cousa de dois vintens de materia, se vende muitas vezes em Lisboa por mais de dezeseis mil réis: isto quer dizer, que hum capital de quatrocentos mil réis em Inglaterra, ou no commercio de relojoaria destinado para Portugal, dá aos Inglezes de ganho cousa de quatrocentos mil cruzados.

Em fim, até o papel em que se escrevem as leis deste reino, serve da instrumento para empobrecello. Os Inglezes, os Hollandezes, e os Genovezes estiveraõ na posse de vendello aos Portuguezes trezentos por cento mais caro do que o seu primeiro valor.

O luxo de que já temos fallado, he outro dos mananciaes mais copiosos para os Inglezes, que andaõ buscando pelas outras naçoes os meios de estimular a vaidade dos Portuguezes: de sor-

te que cada moda estrangeira he hum novo imposto sobre as riquezas do estado; e o capricho, a velleidade, e a inconstancia dos póvos he huma nova mercadoria para a Grã-Bretanha.

A desordem do commercio de Portugal influe tambem no seu governo politico; e assim vê-se, que a Inglaterra dá o vestuario para a tropa: de modo, que se arruina o estado por aquella parte que o deve defender; e ainda naõ pára aqui o abandono, porque até as mesmas munições de guerra as subministraõ os Inglezes, e he hum artigo dos mais vantajosos para o seu commercio.

Naõ quizeraõ cahir na conta os Portuguezes de que as sommas immensas, de que se despojaõ para estas provisões, saõ as primeiras brechas por onde foi atacado o seu governo politico: podendo-se demonstrar o mesmo do abastecimento da marinha; pois

os mastros, vélas, enxarcias, pez, alcatraõ, e demais aprestos, enriquecendo taõ consideravelmente a Inglaterra, vaõ continuamente destruindo Portugal.

Parece incrivel o deleixo que temos referido; mas ainda he maior o do commercio economico. Bastava este só para anniquilar Portugal. O commercio de grãos pôz nas maõs dos Inglezes a chave deste reino: o trabalho do lavrador Inglez se converte em riquezas physicas, e reaes; e cada colheita vale á Inglaterra huma mina de ouro.

Mas para que nos cançamos em individuar estas materias, quando huma só palavra he bastante para dar huma idea da desordem geral da monarquia Portugueza? Tome-se huma nota dos generos que introduzem os Inglezes em Portugal, e ver-se-ha que n'huma somma de quarenta milhões de cruzados, apenas ha dous de pri-

meiras materias: todo o restante he o producto da industria.

A differença do juro legal do dinheiro entre Inglaterra, e Portugal he outro dos desconcertos que padece o seu commercio. Este grave damno tem a sua raiz na falta de confiança, que tem sempre huma naçaõ, que naõ entende bem os seus interesses. Por exemplo: o dinheiro naõ vale em Inglaterra senaõ a dous e meio por cento de juro, e em Portugal vale a dez. Vista esta desigualdade conhece-se que naõ saõ precisas nenhumas mercadorias para despojar este estado das suas riquezas; pois sómente o credito de vinte particulares Inglezes o pódem conseguir. Supponha-se huma somma de cinco milhões tomados de emprestimo em Londres, e girados depois sobre Lisboa; estes deveráõ causar huma extracçaõ taõ exorbitante, que o capital da divida será pago pelos juros cada dez annos.

ficando a divida sempre em pé.

Este methodo he excellente para dobrar o preço das mercadorias, e huma arte para multiplicar ao infinito os proveitos que os Inglezes tiraõ de Portugal; porque quanto menos recebe huma naçaõ a fiado da outra, tanto menos cara compra a industria della. O prazo naõ he outra cousa senaõ hum arbitrio seductivo de commercio, pois ainda que o juro naõ se estipule em certos contratos de credito, sempre vai embebido no preço da mercadoria.

O que mais aniquilou a monarquia portugueza foi o estabecimento de tantos Inglezes na sua capital. Lisboa está juncada delles, assim como das suas mercadorias. Quando hum Inglez québra em Londres, embarca-se para Portugal a fim de refazer-se das suas perdas; e quando hum Irlandez pela sua miseria naõ sabe que fazer na sua patria, em vez

de ir a Londres fazer serviços para que alli o enforquem, toma o caminho de Lisboa para provar melhor fortuna.

He certo que todos os governos da Europa fazem o que pódem para attrahir a si os estrangeiros. Esta he huma maxima excellente; porque os estrangeiros multiplicando o numero dos habitantes, contribuem a aperfeiçoar a industria, e augmentaõ o consumo dos generos. Mas para isto he preciso que haja industria que aperfeiçoar, e generos que consumir; e huma e outra cousa falta em Portugal. Nunca se discorreo nesta monarquia, que sendo a sua situaçaõ inteiramente distincta da dos outros Reinos da Europa, devia governar-se por maximas inteiramente distinctas.

Antes do terremoto se contavaõ quinze mil estrangeiros em Portugal. Isto he huma bagatella, pois naõ ha cidade capital na Eu-

ropa que naõ tenha muitos mais. Naõ obstante este curto numero causava grande damno a este reino; porque como nelle naõ houvesse com que alimentar, nem vestir os seus proprios habitantes; como a sua agricultura, as suas artes, e manufacturas naõ podiaõ estar em mais deploravel estado, era preciso receber d'outras nações as cousas necessarias: deste modo os quinze mil estrangeiros que subsistiaõ no estado, lhe eraõ pesados em vez de lhe serem uteis; porque faltando nelle com que vestir-se, e alimentar-se, era forçoso que o estado com as suas riquezas contribuise ao seu sustento, do mesmo modo que ao dos seus habitantes naturaes.

O que allucinou o governo Portuguez neste ponto, he a persuasaõ em que está de que os estrangeiros tiraõ a sua subsistencia da sua propria industria; mas naõ repara que o valor desta subsis-

tencia sahio já do estado; e que a sua industria naõ faz mais que restituir ao governo o mesmo que este lhes tinha anticipado. He certo que os estrangeiros correspondem, e cumprem com o estado em tudo aquillo que tomaõ delle; mas deixaõ em descoberto o estado comsigo mesmo, pois o producto do que tomaõ d'outras nações, he para ellas, e naõ para aquella onde immediatamente se consome. O mesmo luxo destes estrangeiros he tambem gravoso a Portugal, porque a primeira compra das materias que o fomentaõ se fez com o ouro desta potencia.

O damno que a Inglaterra fez a Portugal fazendo-lhe abandonar a sua industria, e a sua agricultura, ainda he maior do que nos podemos figurar; pois he regra geral, que quando hum estado destroe n'outro estado as artes mecanicas, com o mesmo golpe aniquila as liberaes; o que trans-

torna sempre qualquer systema de politica. A prova se vê neste reino, pois desde que a Inglaterra formou o projecto de destruir a sua agricultura, o entendimento dos seus naturaes se reduzio á esterilidade, como o seu terreno; e por mais que a Europa se tenha illustrado com tantos descobrimentos, a ignorancia desta naçaõ foi sempre em augmento, ao mesmo tempo que o systema Inglez foi cobrando novas forças; e em quanto a nova luz das sciencias se vai espalhando sobre a terra, Portugal só permanece nas trévas da sua primeira ignorancia.

O Norte, aquelle paiz opaco onde tudo he materia, fez grandes progressos nas sciencias; e o influxo destas alcançou todas as nações do mundo, menos Portugal, onde naõ pôde penetrar; e assim se póde dizer com verdade, que elle he o paiz inculto dos póvos cultos da Europa.

Esta ignorancia naõ he effeito certamente do seu clima, pois talvez he o mais a proposito da Europa para produzir grandes engenhos; como com effeito os produzio nos tempos de *Joaõ* II., e do Rei *Duarte*; tanto que foraõ a admiraçaõ do universo.

Assentemos pois, em que as sciencias entraõ no plano de hum bom systema politico; e assim veja-se como por tellas cultivado com tanto esmero a França, e a Inglaterra, adiantáraõ tanto nas artes liberaes, e adquiríraõ tanta distincçaõ entre as outras naçõe da Europa.

Naõ he facil conceber como a monarquia Portugueza pôde cahir no abatimento em que se acha, naõ tendo padecido nenhuma daquellas grandes revoluçõe que transtornaõ os estados; mas cessa a causa da admiraçaõ, se se considera que he impossivel, que deixe de decahir huma naçaõ ignorante.

O imperio das sciencias anda sempre acompanhado do imperio da terra. Nas quatro famosas revoluções do mundo, que saõ o seculo de Alexandre, o de Augusto, o dos Médicis, e o de Luiz XIV., em que as artes, e as sciencias renascêraõ do nada, em todas as quatro mudou a terra de semblante; o que prova que as revoluções das sciencias andaõ sempre unidas com as da politica; de sorte, que seria mui facil provar que as nações que mais cultiváraõ as sciencias, e as artes, saõ as que sempre se avantajáraõ ás outras. As sciencias pois saõ, sem que o pareça, as que tacitamente dirigem os principios da politica. Supponha-se, ainda mais, huma naçaõ inteiramente ignorante da geometria, e será impossivel achar nella a menor ordem no seu governo politico, e civil; e pelo contrario, vêmos que em todos os estados, onde houve grandes filo-

sofos, florecêraõ ao mesmo tempo politicos insignes.

He cousa digna de notar-se, que quasi todos os famosos filosofos, poetas, sabios oradores, pintores, arquitectos, litteratos, advogados, engenheiros, generaes, politicos &c. foraõ contemporaneos em França no reinado de Luiz XIV. Parecia que aquelle Principe tinha semeado huma nova semente de engenho, e talento universal na naçaõ, que produzia homens grandes em todas as materias.

Nos reinados precedentes tinha estado a França n'huma escuridaõ, e trévas continuas; mas naquelle tudo foi luz, e claridade, e nunca se tinha conhecido Principe mais habil na arte de fazer cousas grandes.

Por certo que naõ póde deixar de causar admiraçaõ o considerar, que este monarca naõ sómente enriquecia os vassallos proprios, que

mostravaõ talento, mas tambem procurava saber quaes eraõ os que sobresahiaõ entre os vassallos dos outros Soberanos da Europa, para recompensallos com o louvavel fim de dissipar a ignorancia, que se tinha derramado no universo, imitando o grande Hercules, que emprendeo elle só alimpar a terra de monstros. He cousa sabida, que Colbert, por ordem do Rei seu amo, ao enviar-lhes regalos, lhes escrevia, que visto que o Rei naõ era seu Soberano, lhes pedia que levassem a bem fosse seu bemfeitor.

As sciencias necessitaõ absolutamente de recompensas, e naõ se conhecem muitos meios, que sejaõ mais a proposito para promover o gosto dos homens para as bellas artes, fóra do de satisfazer a sua cobiça, porque he tal a estructura do coraçaõ humano, que os vicios mais vís saõ os que muitas vezes servem de alicerce ás grandes virtudes.

Todas as partes que compunhaõ o governo politico, e civil de Portugal, tinhaõ experimentado os effeitos desta ignorancia geral, e cada ramo delle estava como impedido, e paralytico. Este defeito de administraçaõ tinha destruido ainda até a esperança de ter grandes reformadores; porque como se póde presumir, que possaõ nunca formar-se homens de estado n'hum Reino, do qual estejaõ como desterradas as sciencias, e onde naõ se viaja para adquirillas?

Os governos politicos se vaõ aperfeiçoando, ao mesmo tempo que as sciencias de especulaçaõ communicaõ novas luzes aos engenhos, e ao mesmo tempo que se enviaõ sujeitos para viajar, e ver as outras cortes.

No systema geral da Europa, que tem a sua origem na das bellas artes, ha huma progressaõ contínua; de sorte, que se hum estado naõ procura manter-se por

esta parte n'hum gráo igual aos outros, ficará sempre atrazado. Havia muito que se esperava em Portugal hum Colbert; mas pergunto, poderia produzir aquella monarquia hum talento semelhante? Decida-se esta questaõ.

Avinda dos grandes ministros se vai preparando muito de antemaõ, e naõ he cousa que se effeitue de repente, pois ás suas luzes devem ter precedido outras luzes, que lhes sirvaõ de guia, e he precisa huma preparaçaõ local. Naõ foi Colbert que intentou o magnifico systema, que deo tanto poder ao Reino da França; e deve-se-lhe sómente a execuçaõ do que Henrique IV. tinha deixado delineado. Se aquelle ministro naõ tivesse achado aberto o caminho, talvez nunca teria descoberto meio para effeituar taõ grandes cousas, visto que rara vez o mesmo estadista que inventa, chega a pôr em execuçaõ.

Como em Portugal naõ se tivesse cuidado de que florecessem as sciencias, naõ se tinha tampouco disposto cousa alguma para o systema politico, nem delineado plano algum de governo; nem se quer alguns esboços que fossem a proposito. E ainda que tivesse nascido hum Colbert em Portugal, nunca teria havido hum Henrique IV. que o tivesse precedido &c.

Finalmente, dos mesmos Portuguezes depende abrir hoje em dia os olhos á vista do seu perigo, e até as proprias desgraças pódem offerecer-lhes meios para sahirem do seu deleixamento politico. Que momento taõ decisivo para aquella naçaõ! Antes deste acontecimento, qualquer reforma que tivesse intentado a sua politica se teria fundado em falso; porque quando os principios d'hum governo chegáraõ a corromper-se; quando a constituiçaõ delle se foi

amoldando, e formando segundo os abusos; quando as preoccupações antigas concorrêraõ para crear novas faculdades productivas; quando hum excessivo luxo se apoderou da naçaõ; quando maximas depravadas occupáraõ o lugar que devêraõ occupar as boas; quando o povo perdeo a vereda dos seus antigos costumes; entaõ, digo, todas as leis, por sábias, por prudentes, e acertadas que sejaõ, saõ inefficazes, e de nenhuma utilidade. O unico remedio he, que a Providencia suprema arroje, digamo-lo assim, hum raio que destrua tudo.

Portugal se acha hoje em dia como hum povo, que acaba de nascer; pois a desdita geral igualou as fortunas dos particulares. O terremoto afroxou o luxo, principiando pelos seus proprios alicerces. Huma calamidade publica une commummente os corações, e os animos entre si. Que cousas naõ

póde fazer em semelhante caso hum reformador? O leitor póde inferillo melhor, do que eu explicallo.

Mas aquella monarquia, em vez de aproveitar-se de tantos, e taõ grandes recursos, como as suas desgraças lhe subministráraõ successivamente para sacudir o jugo vergonhoso que a opprime, se foi pelo contrario sujeitando mais, e mais a elle, e apertando mais a cadeia que lhe prende á sua liberdade. E costumada a Inglaterra desde muito tempo a converter em beneficio proprio as maiores desgraças alheias, medita já concluir o edificio do seu póder sobre as cinzas daquelle infeliz reino, aproveitando-se para isso da mesma cegueira, com que a naçaõ Portugueza se entrega ao ambicioso arbitrio da Ingleza.

RELAÇAÕ HISTORICA

do Terremoto de Lisboa.

Naõ houve no mundo monarquia mais exposta, que a de Portugal, a grandes revoluções, pois se se abre a historia politica daquelle reino, encontraõ-se a cada passo successos extraordinarios; e se se passa á sua historia natural, nota-se que naõ houve naçaõ alguma na Europa, que tenha padecido mais raros fenomenos.

Vio-se Lisboa varias vezes destruida por causas sobrenaturaes. Do interior da terra sahíraõ fogos soterraneos, que a abrazáraõ quasi inteiramente; espantosos furacões derribáraõ os edificios, e transtornáraõ inteiramente aquella capital: no seculo decimo-quinto hum terremoto arruinou huma grande parte dos edificios daquelle povo.

Difficilmente se poderá determinar a razaõ das causas por que estes fenomenos saõ mais frequentes em Portugal do que n'outras partes, a naõ ser que se queira dizer que procede de que em Portugal ha huma só estaçaõ, sentindo-se mais calor do que frio. Naõ póde a terra estar exposta a enfermidades como o corpo humano? Naõ necessita da alternativa do frio, e do calor? Acaso huma estaçaõ sempre igual naõ póde ir preparando de hum a outro seculo as causas destas revoluções physicas?

Como quer que seja, já havia mais de dous seculos que Lisboa naõ experimentava nenhum destes fenomenos, quando no dia primeiro de Novembro de 1755 tornou aquella cidade a ligar a interrompida serie das suas primeiras desgraças (1).

(1) Quanto a dizer-se que nos dous seculos antes do presente, naõ houve ter-

Pelas 9 horas e 20 minutos da manhã sentio-se hum espantoso estremecimento, que derribou a maior parte das Igrejas, e muitos edificios, palacios, e casas particulares. Acompanhou este tremor de terra hum ruido tremendo, que parecia sahir do centro da terra, ainda que procedia sómente da quéda dos edificios; e hum instante depois principiou a cidade a arder toda em chammas.

Ainda que em varias relações se publicou que tinhaõ sido incendiarios os que tinhaõ lançado o fogo, carece de probabilidade. Por mais viciosos que sejaõ os ho-

remotos em Portugal engana-se o author, pois neste houve hum no anno de 1724, e no anno de 1700 houve outro: no seculo anterior a 27 de Outubro de 1699, houve hum, e no anno de 1600 houve outro: e no seculo precedente houve hum a 27 de Julho de 1598, outro a 7 de Janeiro de 1575, outro a 28 de Janeiro de 1551, e outro a 7 do mesmo mez no anno de 1531.

mens, por mais cobiça que tenhaõ de adquirir riquezas pelos caminhos mais breves, sempre subsistem aquelles primeiros instantes de susto, que naõ dependem dos mesmos homens, e nos quaes a avareza, e a ambiçaõ emmudecem á vista de huma morte proxima. E he cousa evidente, que jámais houve instante mais critico, pois o primeiro vaivem do terremoto foi tamanho, que se receou hum transtorno geral.

O certo he, que o incendio se originou ao cahirem as casas, que como cada huma dellas tivesse lume, o communicáraõ ás materias combustiveis. Basta reflectir sobre a natureza do elemento do fogo, para persuadir-se que teria sido hum fenomeno ainda maior que o do terremoto, se tendo desabado de hum golpe tantos milhares de casas, naõ tivesse o fogo pegado em alguma parte.

Ainda que o movimento foi

inteiramente universal ; sem embargo , fez-se muito mais sensivel nalguns bairros do que noutros. Para a parte do Téjo colheo em certo modo o terremoto a cidade ao soslaio ; mas a sua maior violencia foi desde a Moeda até á paragem onde está a forca , e foi-se minorando em duas alas , que corriaõ huma até *Belem* , e a outro até ao *Beato Antonio*. Desde o espaço , que media entre a casa da moeda , e a forca , subio até ao castello que está situado na maior altura de Lisboa , e por conseguinte a maior parte da antiga cidade dos Mouros.

Enumeraçaõ dos mortos.

Naõ he possivel determinar o numero das pessoas que morrêraõ em Lisboa neste terremoto ; sendo a razaõ principal disso , que aquella cidade naõ tinha enumeraçaõ certa da sua povoaçaõ ; outro dos

muitos defeitos da administraçaõ do governo, e o que até o anno de 1748 se dizia ácerca da povoaçaõ de Lisboa, se fundava unicamente no erro do povo, pois se assegurava commummente, que naquella capital havia quinhentas mil almas.

Mas houve hum Inglez, que apostou huma grande quantia de dinheiro, que naõ chegavaõ a trezentas mil; e desde logo se creo que a mesma corte de Londres tinha tido parte na aposta, sendo a curiosidade deste particular só hum pretexto politico de estado. Com effeito importa muito a hum governo, estreitamente unido com outro, saber com certeza a sua povoaçaõ, pois este he o mais seguro norte para guiar-se em todos os projectos politicos.

Como quer que seja, por meio desta aposta se logrou fazer huma enumeraçaõ pontual dos moradores de Lisboa casa por casa, e se

averiguou que naõ havia mais de duzentas e sessenta mil pessoas com pouca differença, contando os estrangeiros.

Mas como o governo naõ fez caso desta indagaçaõ, nem tampouco se registou formalmente, para que no vindouro constasse a povoaçaõ daquella cidade, foi para o estado politico como se naõ se fizesse, sem que houvesse mais que alguns particulares, que fossem informados pontualmente do numero de habitantes de Lisboa, subsistindo assim sempre o erro popular; pois quasi todos os recursos que poderiaõ ter ficado ao governo Portuguez eraõ defeituosos em si, ou por naturcza, ou porque os inutilizou a mesma desgraça, e transtorno do terremoto.

De sorte, que este proprio fenomeno occultou para sempre o verdadeiro cumulo de males que occasionou, sem que possa jámais saber-se, nem naquelle reino, nem

em nenhum da Europa o numero cabal das pessoas que perecêraõ no terremoto. Naõ ha duvida que cada particular naõ ignora quantos parentes lhe faltáraõ entaõ; mas repito que o estado naõ chegará nunca a saber em geral os vassallos que perdeo.

Naõ obstante, o ministerio o teria podido conseguir, obrigando a cada particular a dar huma razaõ exacta dos mortos, que lhe pertenciaõ. Mas por outra parte a politica se oppõe a esta enumeraçaõ, porque seria informar assim ao mesmo tempo as outras potencias do quaõ despovoado tinha ficado Portugal, sendo-o já tanto dantes.

Varias relações, que pouco depois se enviáraõ de Lisboa, escritas as mais dellas por ministros estrangeiros, asseguravaõ que o numero dos mortos era de cem mil; mas conhece-se que o terror panico dictou semelhantes relações,

naõ sendo estranho que hum individuo que acaba de sahir de perigo taõ grande, dê tudo por perdido, e escreva no mesmo conceito.

Com sómente reflectir que a extensaõ daquella cidade hè summamente dilatada, e que toda ella está cheia de jardins, e sepada por altas montanhas, se infere quaõ estranha catastrofe teria sido que tivesse perecido a terça parte dos seus moradores, para o que seria necessario que a terra tragasse toda aquella capital. A maior mortandade foi nas Igrejas, pois fundindo-se as abobadas, sepultáraõ a maior parte dos concurrentes. Por fortuna naõ era ainda a hora precisa, em que se costumaõ dizer as missas cantadas em Lisboa, em cujas Parochias naõ principiaõ senaõ ás dez horas, pois o primeiro vaivem do tremor de terra principiou ás nove e vinte minutos pouco mais, ou menos. A esta circunstancia se deve

o ficarem em Lisboa trinta mil pessoas mais com vida.

Outra circunstancia foi causa de naõ perecer gente da nobreza; e nem tambem muita da segunda classe. Está geralmente estabelecido em Portugal o uso de que as pessoas de alguma distincçaõ tenhaõ em sua casa Oratorio para dizer missa; e a gente da visinhança, que carece desta commodidade acode áquellas casas em que a ha, pois os donos naõ recusaõ a entrada a ninguem: rara vez principiaõ estas missas antes das onze, de sorte que ás nove cada hum está ainda em sua casa.

Outra circunstancia salvou a muitos individuos; e consiste em que naquelle reino, como taõ temperado, está a gente no campo até o mez de Novembro, sem vir á cidade para ouvir missa nos dias de festa, porque tem tambem Capellas nas casas de campo.

Finalmente, segundo as re-

lações que parecem mais exactas, e feitas por sujeitos sem interesse pessoal em augmentar, ou diminuir a perda, suppõe-se que o numero dos mortos foi de vinte e cinco a trinta mil individuos: e até se comprehenderá que he o mais a que se poderá estender, se se calcular a perda dos Portuguezes pela dos estrangeiros. Geralmente se sabe que todos os ministros, á excepçaõ do de Hespanha, sahiraõ livres do perigo; e o de França, que naõ perdeo nem se quer hum criado, teve tempo para tirar todos os seus trastes.

Quiçá naõ houve desde o principio do mundo desgraça, digamo-lo assim, mais feliz. No bairro do *Remolares*, que he o que mais padeceo, e cujo transtorno foi mais geral, só perecêraõ tres, ou quatro estrangeiros, e assim dos demais bairros. Advertio-se entaõ que o mais forte da desgraça o experimentou a gente com-

mum do povo ; salváraõ-se todas as pessoas reaes, e a maior parte da nobreza, e apenas houve individuo algum de caracter, que naõ tivesse a fortuna de naõ ver-se envolto naquella catastrofe lastimosa ; mas se o numero de pessoas que pereceo naquella occasiaõ foi menor do que provavelmente se devêra temer, o das casas, e edificios arruinados foi maior do que se podia pensar ; pois em toda a cidade foi geral, e quasi igual no vaivem ; e ainda que o damno foi maior em alguns bairros do que noutros, sem embargo he constante que o estrago foi universal quanto aos edificios. De modo, que de quasi vinte mil casas que compunhaõ esta capital, apenas ficáraõ tres mil que se podessem habitar com segurança; pois ainda que muitas naõ tenhaõ sido inteiramente destruidas, como os seus alicerces se resentiraõ tanto, ao menor impulso poderáõ vir ao chaõ.

Isto supposto, póde-se fazer hum juizo prudente da perda nacional relativa aos edificios, deste modo. Pelo palacio real, Patriarcal, alfandega, sete-casas, e theatro real, dez milhões de cruzados. Esta perda embora poderá chamar-se quimerica, naõ tornando a restabelecer os edificios; mas pelo contrario acabará de arruinar a naçaõ, porque os principaes materiaes deveráõ vir de paizes estrangeiros.

Quanto á ruina das casas dos particulares, he indefinivel a ponto fixo, mas considerando que foraõ humas doze mil as arruinadas, póde-se regular a sua perda em pouco mais de quatorze milhões de patacas, avaliada huma por outra em duzentas moedas; mas o real, ou o quimérico desta perda dependerá do modo de reedificallas, como já temos dito.

Tampouco he facil regular o valor dos trastes que se queimá-

raõ : o certo he , que depois do reinado de Pedro II , e do descobrimento das minas de ouro , se tinha introduzido em Portugal hum grande luxo de trastes ; de sorte que cada palacio era hum thesouro particular , tanto em pinturas , e tapeçarias , como em outros effeitos preciosos ; e assim póde-se prudentemente discorrer quaõ immensa terá sido esta perda.

A do dinheiro de contado naõ póde ser das maiores , pela pobreza em que se achava este Reino ; comprehendido o do erario real , e o dos particulares nacionaes , e do Brasil (que alli chamaõ commummente *Mineiros*) poderá ser em tudo de dez milhões de cruzados.

Acrescente-se a esta partida a de joias , pedrarias , e prata lavrada , tanto da coroa , como de particulares , de igrejas , e communidades , e achar-se-ha huma

somma que excede toda imaginaçaõ; pois além de ser a corte de Lisboa a mais rica da Europa em pedras preciosas, e terem perecido todas, á excepçaõ das que traziaõ naquella hora as pessoas reaes sobre si; as duas ruas, onde moravaõ os mais ricos ourives de prata, e de ouro, foraõ as que mais soffrêraõ no tremor, e no incendio.

A perda que nesta desgraça soffrêraõ as naçõens estrangeiras he mais facil de regular; porque como cada hum sabia qual era o seu cabedal antes deste acontecimento, naõ he preciso mais que juntar as partidas particulares para saber a somma geral. Esta pois chega, conforme hum calculo seguro que se me mostrou, e sem exageracaõ alguma, a quarenta e oito milhões de patacas, tanto em dinheiro, como em mercadorias, repartidas deste modo:

A Inglaterra, Irlanda, e Escossia.	32
Hamburgo.	8
Italia.	5
Hollanda.	1
Suecia.	0 1/2
Allemanha.	0 1/2
França.	1

O damno que disto se seguio a tantas nações, o resarciráõ facilmente com a sua industria, commercio, e actividade; mas os infelizes Portuguezes, que estaõ privados de tudo isto, naõ haõ de achar taõ facil o remedio ao seu mal. Naõ obstante podiaõ ainda convalecer de perdas taõ immensas, se para isto soubessem applicar os meios convenientes.

Estes saõ fáceis, e se reduzem a dous unicos pontos, que saõ empregar com vigor a industria dos seus habitantes, e naõ admittir os soccorros dolosos, e interesseiros das nações estrangeiras.

Se Portugal recorre aos Inglezes para restabelecer a sua capital; se contra o seu proprio interesse fecha os ouvidos á voz da razaõ, tudo vai perdido, e em vez de resarcir-se das suas calamidades, se engolfa mais nellas para sempre. Os Inglezes saberáõ entaõ recompensar-se com usura das suas perdas á custa dos Portuguezes.

Trabalhem estes para que o ouro do Brasil naõ passe á Inglaterra, e para que sirva sómente para remedio de seus males, e entaõ conheceráõ que naõ saõ incuraveis; e que só com a melhor administraçaõ dos seus thesouros, poderá restabelecer-se a sua monarquia no antigo estado de poder, em que algum tempo se vio.

O zelo, e a compaixaõ me sugeríraõ estas reflexões a favor desta monarquia infeliz. As razões em que se fundaõ, creio que persuadiráõ a todas as nações europeas; á excepçaõ da Ingleza, e

da Portugueza: aquella pelo seu interesse, e esta pelas suas preoccupações, e pelo seu errado modo de pensar em materias de politica.

FIM.

INDICE.

ADVERTENCIA *do Editor Hespanhol.* - - - - - 3
PREFACIO. - - - - - - 5
DISCURSO POLITICO.
Das utilidades que Portugal poderia tirar das suas desgraças. - - - - - - - 9
§. I. *As cousas physicamente necessarias faltavaõ a Portugal.* - - - - - - - 21
§ II. *O commercio anniquilado em Portugal.* - - - - - 25
§ III. *Da nenhuma industria de Portugal.* - - - - - 27
§ IV. *Máo systema de politica em Portugal.* - - - - 30
§ V. *Que a origem das riquezas de Portugal era má, e viciada.* - - - - - - - 36
§ VI. *Que a fazenda real de Portugal estava inteiramente arruinada.* - - - - - - 42
§ VII. *Reflexões sabre o in-*

fluxo que tinhaõ as minas de ouro do Brasil no systema geral da Europa. - - - - - 46
§ VIII. *Que o ouro he huma mercadoria como as outras.* 77
§ IX. *Que sendo Portugal estéril por natureza, naõ póde bastar para a subsistencia dos seus habitantes.* - - - 80
§ X. *Que todos os estados devem sortir Portugal do que necessita.* - - - - - - 83
§ XI. *Que Portugal naõ tem necessidade de exercito de terra, nem de esquadras de mar; e que toda a Europa está interessada em mantello na situaçaõ em que se acha.* 88
§ XII. *Que o ouro que se tira das minas da America, conduzido á Europa, e levado depois ao Oriente pelo canal do commercio da India, se consome como as outras mercadorias.* - - - - - - 94
§ XIII. *Que por mais que se*

diga, os Portuguezes saõ mais ricos hoje em dia, do que antes do descobrimento das minas do Brasil. - - 101

§ XIV. *Que Portugal póde com o seu ouro ter as mercadorias fabricadas por melhor preço, que aquelle por que elle as poderia fabricar.* - 104

§ XV. *Que o clima se oppõe ao estabelecimeuto de manufacturas em Portugal.* - - 107

§ XVI. *Que he grande vantagem o dar a Inglaterra meios a Portugal para extrahir o ouro do Brasil, e que sem este recurso estariaõ em peior estado os negocios da Europa.* 109

§ XVII. *Que desde a alliança dos Portuguezes com a Inglaterra, se estabeleceo em Portugal hum grande luxo que lhe he necessario.* - - 114

§ XVIII. *Que Portugal naõ póde deixar de necessitar dos outros estados da Europa, e*

especialmente de Inglaterra. 121
§ XIX. *Que o trato dos estrangeiros fez mais sociaveis os Portuguezes, e os igualou com as nações cultas.* - 124
§ XX. *Que a disposiçaõ das cousas requer que estejaõ ociosas nações inteiras, em quanto outras trabalhaõ, porque assim o resolveo a Providencia Divina.* - - - - 130
RELAÇAÕ *historica do terremoto de Lisboa do anno de 1755.* - - - - - - 167
Enumeraçaõ dos mortos. - - 171

LIVROS *Impressos por* FRANCISCO ROLLAND, *Impressor-Livreiro em Lisboa, ao Largo do Loreto.*

Atlas moderno, com 24 Mappas.
Aventuras de Telemaco, em 8.
Amigo do Principe, e da Patria, ou o bom Cidadaõ, em 8. 1779.
Adelia de Senange, ou Cartas do Lord Sydenham, traduzidas em Vulgar, em 8.
Adagios, e Proverbios, da Lingua Portug. em 8.
Arte Poetica de Horacio, trad. e illust. por Candido Lusitano, em 8.
Bom Lavrador, e Boa Lavradora, em 8. 3 V.
Belizario de Marmontel, em 8.
Collecçaõ de Peças importantes, &c. em 8. 1806.
Choupana India, em 12. 1806.
Costumes dos Israelitas, e dos Christãos, em 8. 3 Vol.
Collecçaõ de Historias, Anecdotas, em 8. 3 vol. 1799.
Collecçaõ de Decretos, e Editaes, &c. em 4. 1808.
Calendrier de Lisbonne pour l'an de 1808, em 12.
Diccionario da Lingua Portugueza, em 4.
Desgraças da Inconstancia, em 12. 2 Vol. 1807.
Dialogos dos mortos, em 8.
Diccionario abreviado da Biblia, em 8.
Desvarios da razaõ, &c. em 8. 3 Vol.
Eneida de Virgilio, por Joaõ Franco Barreto, em 8. 2 Vol. 1808.

Escolha de Anecdotas, antigas, e modernas, em 8. 1806.
Emma, ou a Filha do Desgosto, em 12 2 Vol. 1807.
Emilia, e Affonso, novella, em 8.
Evangelho em triunfo, em 8. 8 Vol.
Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes, em 8. 7 Vol.
Elogios dos Reis de Portugal, em 8.
Escola fundamental de ler, escrever, e contar em 12. 1807.
Elementos da Civilidade, em 8.
Fabulas de Esopo, em 8.
Filosofa por Amor, ou Cartas de dous Amantes apaixonados, em 12. 2 Vol. 1806.
Historia Romana, em 8. 4 vol. 1806.
Historia de Bonaparte, em 8. 4 vol.
Historia Geral de Portugal por M. La Clede, em 8. 16 Vol.
Historia de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 20 Vol.
Historia Universal de Millot, em 8. gr. 9 Vol.
Historia Ecclesiastica de Ducreux, em 8. gr. 11 vol.
Historia de Theodosio o Grande, em 8.
Historia da Virtuosa Portugueza, em 8.
Historia da virtuosa, e infeliz Clara Harlowe, por Richardson, em 8. 6 Vol.
Historia galante do Joven Siciliano, em 8. 4 vol.
Historia de Carlos XII., Rei de Suecia, em 8. 2. Vol. 1807.
Historia de Mafoma, em 8. 1808.
Irma, ou as Desgraças de huma joven Orfã,
Historia Indiana, em 8. 4 Vol. 1804.

Lições da Natureza, em 12. 1805.
Livro dos Meninos, traduzido do Francez, 8.
Laura de Anfriso, em 8.
Mulher feliz, dependente do mundo, e da fortuna, em 8. 3 Vol. 1807.
Mil e huma Noites, Contos Arabicos, traduzidos em vulgar, em 12. 8 Vol.
Mil e hum quarto d'hora, Historias da Tartaria, em 12. 3 Vol. 1806.
Medicina Domestica de Buchan, em 8. 10 V.
Miscellanea curiosa, e proveitosa, em 8. 7 Vol.
Noites Romanas no Sepulchro dos Scipiões, em 8. 2 Vol. 1808.
Noites d'Young, Traducçaõ de Vicente Carlos d'Oliveira, em 8. 2 Vol.
Noites Clementinas, em 8.
Naufragio de Sepulveda, Poema de Jeronymo Corte-Real, em 8.
Noticia da Mythologia, ou Historia do paganismo, em 8.
Numa Pompilio, por Mr. Florian, em 12. 2 V.
Origem, e Orthografia da Lingua Portugueza, em 8.
Officio da Semana Santa, em 12.
Obras escolhidas de Caraccioli, em 8. 9 Vol.
Obras de Sá de Miranda, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Valadares, em 8. 2 vol.
Panegyricos, e Discursos Evangelicos, 4 vol.
Paulo, e Virginia, em 12. 1806.
D. Quixote, traduzido em Portuguez, em 8. 6 Vol.
Rimas de Manoel Mathias, em 8. 2 vol. 1806.
Reflexões sobre a vaidade dos Homens, em 8.
Secretario Portuguez, augmentado com *dois Supplementos* 8. grande. 1801.

Sciencia dos Costumes, ou Filosofia moral, em 8. 1788.

Syntaxe Latina, explicada segundo o moderno systema filosof. 8.

Tratado completo de Anatomia, por Mr. Sabatier. Em 8. 6 vol.

Tratado das doenças Cirurgicas, em 8. 3 vol.

Tratado das Aguas das Caldas. 8.

Tratado das Obrigações da Vida Christã, em 8. 2 vol.

Thesouro de Pregadores por Fr. Antonio de Padua e Bellas, em 8. 2 vol.

Theatro Estrangeiro, em 8. 6 Num.

Viajante Universal, ou Noticia do Mundo antigo, e moderno, em 8. 45 Vol.

Viagens de Antenor pela Grecia, e Asia, em 8. 6 Vol.

Vida privada, e publica de Luiz XVI. Rei de França, em 8. 2 Vol.

Vade mecum do Medico, ou Breve Resumo de Medicina Pratica, em 8.

Vida de D. Joaõ de Castro, por Jacintho Freide de Andrada: com estampas, 1786.

Victor, ou o Menino da Selva, em 12. 2 Vol. 1807.

Verdadeiros Interesses da Patria, em 8.

FEE. 18 1363.

LIBRARY OF CONGRESS
0 009 961 845 0